

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

**OS CATADORES DE PAPEL: PRÁTICAS
E INTERVENÇÕES NA CIDADE:
UBERLÂNDIA 1970-1997**

por ANA MÁGNA SILVA COUTO
orientado pôr Professora CORALY GARÁ CAETANO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
Departamento de HISTÓRIA

UBERLÂNDIA, Fevereiro de 1998.

Ana Mágnã Silva Couto

**OS CATADORES DE PAPEL: PRÁTICAS E INTERVENÇÕES NA
CIDADE: UBERLÂNDIA 1970-1997**

MONOGRAFIA ELABORADA E APRESENTADA PARA
CONCLUSÃO DO CURSO DE BACHARELADO E
LICENCIATURA EM HISTÓRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA, CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
ARTES, DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 1998.

AGRADECIMENTOS

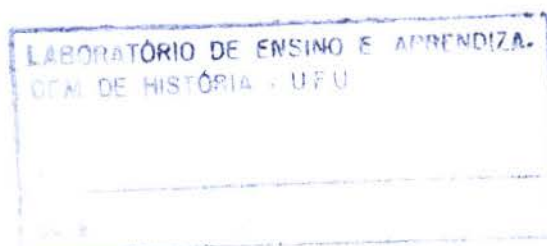
Aos trabalhadores que, com sua história de vida, luta e sofrimento, se constituíram em inspiração para a realização dessa pesquisa.

À professora Dra. Coraly Gará Caetano, por tudo.

E a todas as pessoas que, de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	4
CAPÍTULO I:	
Buscando um espaço: A luta por moradia.....	16
CAPÍTULO II:	
As Condições de Trabalho.....	27
CAPÍTULO III:	
Outros Aspectos além do Trabalho.....	36
ALGUMAS OBSERVAÇÕES.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES CONSULTADAS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	60



INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte integrante de um projeto coletivo denominado: “A Experiência dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais na Cidade: Uberlândia - 1950/1996”. O objetivo deste projeto consiste em resgatar a experiência dos trabalhadores considerados inseridos no mercado informal. Investigar e reconstituir a experiência dos trabalhadores inseridos nesse espaço, é um dos pressupostos do projeto, devido a importância de se problematizar o próprio conceito de mercado informal, a participação e intervenção desses trabalhadores. Entendemos ser importante discutir o crescimento e a importância do mercado informal, buscando compreender as relações que se estabelecem em seu meio, o controle imposto pelos órgãos governamentais e afinal, questionar se esse mercado com todas as suas características é algo que possa ser considerado como à margem da economia e da sociedade.

Durante o processo de elaboração dessa proposta de trabalho, considerei ser importante tomar contato, com o que viria a ser o objeto da minha pesquisa, ou seja, os catadores de papel residentes em Uberlândia. Ao realizar duas entrevistas, mesmo sem nenhuma experiência, já foi possível perceber através das “falas”, a riqueza de suas respectivas experiências de vida. Estas revelam criatividade, sensibilidade, propostas alternativas de vida e um profundo desejo de autonomia. Isso serviu de estímulo, para que eu continuasse a investigar, estabelecendo um diálogo com as interpretações dominantes e também rever meus pressupostos iniciais acerca dos papeleiros.

Esse trabalho se propôs a investigar a prática dos coletores de papel em Uberlândia, como vivem, pensam a cidade, o país. Por isso, busquei resgatar suas condições de vida, trabalho, moradia, lazer, religiosidade e a dinâmica de suas relações e intervenções na cidade. Apreender através da fala desses trabalhadores, como eles se vêem. Perceber também como encaram os conflitos, os problemas e angústias do cotidiano. No processo de investigação, busquei valorizar a visão que possuem esses trabalhadores, como se percebem inseridos no contexto da cidade e o que possa ser significativo para eles.

Como foi dito acima, ao realizar esse trabalho, tínhamos e ainda temos, uma proposta metodológica e até mesmo política, diferente. Quando me propus a reconstituir a experiência dos coletores de papel em Uberlândia, um dos pressupostos é de que isso seria feito na perspectiva dos próprios trabalhadores. Com isso, optei pelo uso de fontes orais, sem uma preocupação com a veracidade ou não dos relatos e sim procurando dialogar com as

interpretações presentes nas entrevistas. Também já mencionamos que esse projeto encontra-se vinculado a um trabalho de âmbito coletivo. Sendo que isso, contribui imensamente para o desenvolvimento da investigação. As discussões acerca da bibliografia escolhida, foram gerando algumas angústias e ao mesmo tempo estimulando e propiciando novas reflexões. A orientação da Prof.^a Dr.^a Coraly Gará Caetano teve um significado especial, nas questões suscitadas nesse trabalho, assim como em minha formação profissional e até mesmo pessoal. Ao escolher os catadores de papel como objeto de pesquisa, o fiz por sentir que dentre as categorias de trabalho presentes no projeto coletivo, ainda por serem pesquisadas (construção civil, ambulantes, carroceiros) foi com esta que mais me identifiquei.

Ao fazermos opção por trabalhar com a fonte oral, sabíamos que esse seria um fator, que provavelmente dificultaria o processo de investigação. Isso devido aos problemas decorrentes do uso desse tipo de fonte, que serão posteriormente apresentados. Por outro lado, acreditamos que a história oral poderia nos colocar de certa maneira, mais próximos de nosso objeto de pesquisa., possibilitando assim um maior e mais profundo diálogo com a fonte, com o sujeito da investigação. Considerando ainda, a ausência de documentos acerca dos catadores de papel na cidade.

As questões relativas a História Oral, que podem ser pensadas como empecilhos são, além de teórico-metodológicas, políticas. Pensamos que, somente através da fala dos catadores de papel, poderíamos apreender, suas experiências, enquanto ser humano e sujeito com motivações, anseios e angústias. Foram realizadas 17 entrevistas ao longo desse período de investigação. Foi através da leitura e análise dessas entrevistas, dos problemas apresentados, que as questões foram surgindo e nos foi possível perceber as diversas dificuldades enfrentadas pelos catadores de papel em Uberlândia. Mais ainda, perceber como as experiências são diversas, uma vez que há uma extrema heterogeneidade, se pensarmos no conjunto.

O fato de que os catadores de papel em Uberlândia, enquanto categoria de trabalhadores, se constituem em um grupo muito heterogêneo, foi ao mesmo tempo, elemento de riqueza e dificuldade. Tornou-se um elemento de riqueza, uma vez que os sujeitos sendo diferentes, nos mais variados aspectos, seriam diversas as experiências. Por outro lado, esse era e ainda é um fator que, senão dificulta, ao menos angustia. Pensar a experiência de homens, mulheres, adolescentes e velhos, enquanto sujeitos lutando por melhores condições de vida, tendo suas falas como fonte de pesquisa, de certa forma, me assustava, por parecer uma tarefa de grande dimensão. Ao mesmo tempo, acredito que muito se perderia dessas experiências, se privilegiássemos somente um aspecto ou outro. Considero ainda importante registrar que, ao

reconstituir a história dos coletores de papel na cidade, me referencio somente as experiências dos trabalhadores entrevistados, sem fazer generalizações. As questões e os problemas discutidos são apenas indícios para se refletir acerca da categoria como um todo.

Portanto, como já foi explicitado anteriormente, os objetivos dessa pesquisa consiste também em:

Compreender a intervenção dos Catadores de Papel na cidade no período de 1970-1997, buscando problematizar a inserção, a participação destes nas relações que se estabelecem no espaço urbano.

Reconstituir a história dos Coletores de Papel a partir de sua própria perspectiva.

Elaborar documentos para contribuir com o Centro de Documentação Popular/ Cedhis.

Produzir uma monografia que contribua para a compreensão da dinâmica das relações sociais na cidade.

Fiz opção por organizar essa monografia da seguinte maneira: No primeiro capítulo, registro as experiências de vida relacionadas à mudança da cidade de origem, a vinda para Uberlândia e a luta por moradia.

O segundo capítulo trata das condições de trabalho desses coletores de papéis, assim como outras experiências de trabalho, em momentos diferentes de suas vidas.

Busquei no terceiro capítulo abordar outros aspectos significativos da experiência desses trabalhadores, como educação, religiosidade, lazer. Ao final, elaboro algumas observações na tentativa de problematizar questões que serão posteriormente aprofundadas.

REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Na expectativa de que as reflexões resultantes da pesquisa possam ser compreendidas, acredito ser importante deixar claro quais elementos serviram de inspiração teórica para tal. Minha experiência enquanto aluna do curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, se fez marco da trajetória desse trabalho. As discussões acerca da *subjetividade* presente no trabalho de historiador sempre me pareceram instigantes, quase incômodas. No grupo de pesquisa, o qual faço parte, constituído por alguns estudantes e a Prof.^a Dr.^a Coraly Gará Caetano, avançamos nessa questão.

Nossas leituras, debates e reflexões coletivas, me levaram a perceber que é possível realizar um trabalho sério na pesquisa histórica, se temos como sustento e amparo do desenvolvimento dessa pesquisa pressupostos teórico-metodológicos coerentes. O que consequentemente irei apresentar, enquanto resultado, virá marcado por minha visão de mundo, minhas formas de inserção e posicionamento político nas sociedade a que pertencem.

Gostaria de deixar claro que, quando trato de pressupostos teóricos, esses são referenciais conceituais que servem como orientação e reflexão, e não se constituem em amarras que possam trancafiar a análise em um modelo fechado. Daí o fato, de ter sido essa pesquisa, extremamente inspirada no trabalho do autor E. P. Thompson, que pondera acerca dessa questão com muita lucidez:

"... O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado e pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese; o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas ..."¹

Ainda na perspectiva de Thompson, não podemos *olhar* com maus olhos para a subjetividade, como se esta viesse a se constituir em malefícios ao trabalho. Ao contrário, a subjetividade de forma inevitável, está presente no trabalho do historiador, marcando profundamente sua maneira de lidar com o objeto de pesquisa. Nesse mesmo, o autor afirma:

"... o historiador examina vida e escolhas individuais, e não apenas acontecimentos históricos (processos). E embora possamos não fazer atribuições de valor aos processos, as mesmas objeções não surgem com a mesma força quando examinamos as opções dos indivíduos, cujos atos e intenções podem certamente ser julgados dentro do devido e relevante contexto histórico ..." (²)

¹ THOMPSON, E. P. A lógica histórica. In: A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros, RJ, Zahar, 1981.

²Idem

Portanto, no exercício de seu trabalho, o historiador ao lidar com a experiência de seres humanos, dotados de sentimentos, valores e toda uma experiência de vida, não poderia e (nem conseguiria) abster-se de sua sensibilidade, sendo este também um indivíduo com as mesmas características. Desde o princípio, pressenti que meu trabalho estaria marcado por essas reflexões. Dentre outros autores que analisamos e que muito contribuíram, temos o historiador inglês Eric Hobsbawm. Principalmente no que se refere às discussões acerca “do mundo do trabalho” e da importância da “tentativa de compreender a cultura dos trabalhadores em suas múltiplas dimensões, a questão da moradia e os problemas vinculados a atual desorganização dos movimentos dos trabalhadores.”³

O interesse por tais temáticas talvez hoje se encontre um tanto escasso, mas ao contrário do que poderíamos pensar, pesquisar e reconstituir a experiência dos trabalhadores pode ser um passo significativo para o entendimento de questões extremamente complexas e angustiantes de nosso tempo, segundo Hobsbawm:

E uma vez no tocante ao passado uma das nossas tarefas consiste em descobrir o que foram a vida e os pensamentos de pessoas comuns e resgatá-las do que Edward Thompson chamou de “enorme condescendência da posteridade”, o nosso problema no presente é também o de eliminar suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam que conhecem os fatos e as soluções e que tentam impô-los ao povo. Temos que descobrir o que as pessoas realmente querem de uma sociedade boa, ou mesmo tolerável e, o que não é em absoluto a mesma coisa_ porque elas talvez realmente não saibam_ o que *necessitam*⁴ e tal sociedade. Isto não é fácil, em parte por causa da dificuldade de eliminar as suposições predominantes sobre como a sociedade deve funcionar, algumas das quais (como as mais liberais) são guias que em pouco ajudam, e até certo ponto porque não sabemos, na realidade, o que faz com que uma sociedade funcione na vida real, mesmo sendo uma sociedade má e injusta. Tanto quanto sei, nenhum país no século XX conseguiu resolver através de planejamento deliberado um problema que durante séculos, não pareceu criar grandes dificuldades para a humanidade, isto é, como construir uma cidade viável que seja também uma comunidade humana. Isto deve nos dar uma pausa para meditação.

Os que estudam a história feita pelo povo passam grande parte de seu tempo descobrindo como funcionam, não funcionam, ou como mudam as sociedades. Não podem evitar assim proceder, uma vez que seu tema, o homem comum, constitui o grosso de qualquer sociedade. Começam com a imensa vantagem de saberem que, em grande parte, ignoram os fatos ou as respostas para seus problemas. Possuem ainda a grande vantagem dos historiadores sobre os cientistas sociais que se valem da história, de saber o quão pouco sabem do passado, como é importante descobrir, e que trabalho árduo em uma disciplina especializada é necessário para esse fim. Mas possuem ainda uma terceira vantagem. Sabem que aquilo que o povo queria e necessitava nem sempre foi o que seus superiores, ou os que eram mais sabidos e influentes, pensaram que devia ter. Esta são reivindicações bem modestas para nosso ofício. Mas a modéstia não é virtude negligível. É importante lembrar, de vez

³CAETANO, Coraly Gará. Professora Dra. Aposentada no Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia. In: Desafios da Disciplina de Métodos e Pesquisa em História. Texto elaborado para comunicação apresentada no Pedagogia 97. Encontro de Educadores em Cuba. Fevereiro 1997.

⁴ (Grifo do autor)

em quando, a nós mesmos que não conhecemos todas as respostas sobre a sociedade e que não é simples o processo de descobri-las. É improvável que nos escutem os que hoje planejam mudá-la e dirigem a sociedade. Mas os que planejam mudá-la e, finalmente, planejar-lhe o desenvolvimento, deviam escutar...⁵

O fato de ter optado por fazer uso da fonte oral me levou a perceber que não poderia ter modelos prontos ou acabados e ao dialogar permanentemente com a fonte e os sujeitos da investigação. Teria também que estar aberta às possíveis mudanças, que estariam por vir. Nesse sentido, o trabalho do autor João Carlos de Souza⁶, **Na luta por habitação: a construção de valores**, me auxiliou bastante. Na realização de sua pesquisa, o autor propõe-se a trabalhar sem recorrer a clichês e simplificações de análise. Nessa perspectiva, busca perceber a dimensão do cotidiano, dos processos vivenciados e a constituição da identidade dos sujeitos por ele analisados. Para João Carlos de Souza, há por parte dos indivíduos, uma reelaboração de valores e expectativas no confronto com a realidade. Por isso mesmo, tenta compreender que valores são esses e o que representam. A partir disso, poder compreender o significado da experiência do sujeito.

Compartilho de tais pressupostos e nessa pesquisa, procurei historicizar a experiência dos catadores de papel em Uberlândia, enquanto seres humanos. O termo experiência, aqui utilizado na perspectiva de Thompson, possui essa dimensão, buscando caracterizar todos os aspectos da vida do indivíduo. Sendo assim, através de suas falas, busquei apreender os anseios, as angústias e os sonhos desses trabalhadores. Esses sentimentos manifestos, seja em relação ao trabalho, à família, ao local de moradia, vão revelar esses sujeitos, numa luta constante por melhores condições de vida.

O fato de termos elaborado conjuntamente um projeto, que objetivasse resgatar a experiência dos trabalhadores, possui raízes profundamente arraigadas na expectativa de que os resultados desse trabalho, possam colaborar, no sentido de trazer para o seio da academia uma discussão acerca dos trabalhadores inseridos no mercado informal. Mais ainda, pensar a trajetória desses trabalhadores, enquanto pessoas comuns, com direitos, mas sem condições de ter registrada, a sua história.

Numa "sociedade onde aproximadamente 60% são constituídas de analfabetos. Construtores cotidianos da história têm deixado poucas marcas de como vivem, sentem, experimentam, desejam, sonham, pensam o presente, o passado e o futuro. Nesse aspecto a história oral (no trabalho com os

⁵ HOBBSBAWM, Eric J. A Outra História. Algumas Reflexões. In: Krantz, Frederick. A outra história. São Paulo. Zahar, 1979, p. 19-33.

⁶ SOUZA, João Carlos de. Na luta por habitação: a construção de valores, S.P. Educ. 1995.

segmentos populares) se constitui em uma possibilidade efetiva de um vasto campo documental".⁷

Sendo assim o uso de fontes orais na pesquisa histórica se constitui também em possibilidades de reconstituição da história dos trabalhadores, enquanto sujeitos comuns... Com isso compreendo que:

"o trabalho com depoimentos orais e histórias de vida concebe-se, muitas vezes como uma alternativa às interpretações estruturalistas e como um contraponto a determinado tipo de discurso homogeneizador, que não reconhece a pluralidade das diferentes versões sobre os acontecimentos. Nesse aspecto, o trabalho com fontes orais se constituiria numa reação às explicações globalizantes, apoiadas fundamentalmente em documentos escritos".⁸

Portanto compreender a complexidade, a diversidade da experiência humana é fazer um esforço, no sentido de pensar que, mesmo em precárias condições de vida e de trabalho, persiste uma vontade de resistir no dia-a-dia, a tudo que seja sinônimo de exploração, dominação e desvalorização da pessoa, por parte dos trabalhadores. Essa resistência visível ou não jamais pode ser descaracterizada como vontade de transformação e capacidade de indignar-se com as injustiças presentes na sociedade. Isso vai estar claro, na experiência dos sujeitos dessa investigação, cujos resultados ainda serão apresentados.

Penso ser importante, no sentido de tornar mais compreensível o caráter desse trabalho, aprofundar algumas questões acerca da História Oral e como já foi dito antes, dos motivos que nos levaram a optar pela mesma. O que pude perceber, no desenrolar do meu trabalho é que, trabalhar com a fonte oral, implica sobretudo, pensar a subjetividade do pesquisador. Afirmando isso, tendo por base, o fato de que, ao lidar com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva na elaboração do documento. Sendo assim, quem faz as perguntas, no momento da entrevista, precisa estar atento, para não colocar para o entrevistado, angústias que sejam suas. Dessa maneira, possibilitar ao entrevistado manifestar-se "livre" de quaisquer influências. Porém, tenho consciência de que essa "liberdade de influências", está cerceada de limitações, uma vez que nenhuma pergunta é elaborada, de forma gratuita e quando o pesquisador a faz, é com a intenção de obter resposta, para algo que o incomoda. Isso pode parecer ressaltar o que é óbvio, mas o que anseio deixar claro é que: uma vez feita a pergunta pelo pesquisador, afim de ter resposta para suas angústias, esta pergunta não está isenta da subjetividade do mesmo. A citação a seguir, do texto: **"O que convida ao encantamento:**

⁷MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral: caminhos e descaminhos. In: Revista Brasileira de História. S.P. Anpuh, Marco Zero, vol.13, nº 25/26, set/agost.93, p.64.

⁸JANOTI, Maria de Lourdes Monaco e ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? In: Revista Brasileira de História. S.P. Anpuh, Marco Zero, vol.13, nº 25/26, set/agost.93, p.8.

palavras, imagens, sensações”, das autoras Diana G. Vidal e Joya de C. Del Vecchio, expressa com clareza essa questão:

...”Entretanto, mesmo que se procure interferir o menos possível no relato, o árbitro maior da memória não é o rememorador, mas o historiador, pois este encaminha as perguntas, “impõe” o que deve ser lembrado. A própria figura do pesquisador atua como critério de seleção da memória, nem tudo deve ser lembrado, só aquilo que interessa ao interlocutor.”⁹

Contudo, podemos pensar a fonte oral, como uma alternativa extremamente criativa. Considerando ainda que, o diálogo que se estabelece entre pesquisador e sujeito, no momento da entrevista, constitui-se em uma experiência muito significativa, um espaço para a elaboração, para a manifestação da memória e avançando ainda, segundo a autora Mercedes Vilanova¹⁰, uma forma de democratização da fala. Penso ser muito interessante, que pessoas comuns, trabalhadores, possam estar falando de suas impressões, anseios, desejos, enfim de suas vidas, colaborando para que estas sejam registradas.

Evidentemente, a História Oral por si mesma, não pode ser “vista como um método/ filosofia revolucionário que vai permitir às classes oprimidas exporem sua “ideologia”, ou vai desvendar práticas ocultas. Pelo depoimento oral, muitas das premissas do pesquisador podem ser questionadas, novas evidências podem emergir, até mudar o curso do trabalho, ou criticar dados já colhidos. Antes de asseverar verdades incontestes, a história oral serve de índice de problematização, apresentando novos caminhos”.¹¹

O trecho acima também retirado do texto das autoras Diana Vidal e Joya Del Vecchio possibilita uma certa apreensão da dimensão da fonte oral em meu trabalho. Compreendo que pensar as experiências dos catadores de papel é pensar também as contradições do espaço urbano, a questão da moradia, saúde, desemprego, violência urbana e tantos outros problemas que vivenciamos em nossa sociedade. E um elemento novo, que consiste em compreender como esses trabalhadores percebem, vivenciam as contradições existentes nas relações sociais estabelecidas na cidade. Como ora eles resistem e ora sujeitam-se ao que está colocado.

Acredito ser importante registrar que, a participação no Nucleo de História Oral, constituído por alunos e professores que trabalham ou se interessam pelo debate

⁹ VIDAL, Diana Gonçalves e DEL VECCHIO, Joya de Campos. O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações. In: Revista Brasileira de História, n.º 13, v. 7, set. 86/fev. 87, pp. 125-136.

¹⁰ VILANOVA, Mercedes. Pensar a Subjetividade: Estatísticas e fontes orais. In: História Oral, Marieta de Moraes (Org.), ed. Diadorim, RJ, 1994, pp. 45-74.

¹¹ VIDAL, Diana Gonçalves e DEL VECCHIO, Joya de Campos. O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações. In: Revista Brasileira de História, n.º 13, v. 7, set. 86/fev. 87, pp. 125-136.

pesquisa/fontes orais, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Coraly Gará Caetano tem contribuído imensamente para as reflexões que serão posteriormente apresentadas. Mas quando falamos em uso da fonte oral, não podemos ignorar as dificuldades existentes. Além da questão metodológica, isto é, realizar a entrevista, transcrever, digitar, analisar, é preciso ainda, atentar para o uso que fazemos da entrevista, afinal estamos lidando com a experiência de sujeitos, que são seres humanos e isso exige de nós, sensibilidade, respeito e ética. Possivelmente por isso, o fato de utilizarmos fontes orais, geralmente assume uma dimensão significativa nos resultados obtidos pela pesquisa. Embora possa estar presente no senso comum, idéia de que trabalhar com a fonte oral implica somente em realizar a entrevista, nossa experiência tem nos mostrado que não é exatamente isso. Ao contrário, é preciso um diálogo constante entre a teoria e a prática, e o entrevistador/pesquisador precisa estar aberto ao diálogo também, a fim de rever seus pressupostos e transformá-los, se a realidade se apresenta agora, de um modo diferente, uma vez que esta é muito dinâmica. Certamente esse trecho do texto de Alistair Thomson, contribui para a compreensão, desse “dilema” que se constitui para o pesquisador, a forma como deve utilizar ou não, as entrevistas orais, por ele realizadas:

“... Contudo, minhas entrevistas com veteranos de guerra australianos criaram dilemas éticos para mim enquanto historiador oral. Mesmo com cuidado e sensibilidade, e seguindo a regra básica que diz que o bem-estar do entrevistado vem antes dos interesses da pesquisa, as entrevistas que exploram a natureza dos processos de recordação ultrapassam os limites da relação estabelecida pela história oral. A entrevista que toca as memórias reprimidas e que às vezes, se aproxima de uma relação terapêutica pode ser interessante ao entrevistador mas prejudicial ao entrevistado. Questões que fazem lembrar desigualdade, humilhação ou medo podem trazer lembranças traumáticas e dolorosas. Às vezes eu tinha que interromper uma sequência de questões durante a entrevista, ou me pediam para interromper, porque aquilo estava sendo muito doloroso. Ao contrário do terapeuta, eu, enquanto historiador oral, não estava lá para juntar os pedaços das memórias que não mais estavam mantidas em segurança”.¹²

A questão colocada por esse autor é pertinente para clarificar algumas das dificuldades que encontrei no processo de investigação. Por diversas vezes, senti que seria complicado dar continuidade a entrevista, por perceber que o entrevistado não queria responder, sentindo-se pouco à vontade com as questões colocadas. Em ocasiões assim, sentimos que a entrevista deixa a desejar, mas se nos propomos a utilizar fontes orais, enquanto metodologia de pesquisa, então precisamos estar preparados para os empecilhos, sempre presentes no caminho de quem lida com a experiência humana. Acredito ser necessário colocar que, o fato de utilizar fontes orais nos leva consequentemente a estabelecer uma reflexão acerca de alguns conceitos,

¹² THOMSON, Alistair. Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações da História Oral e da Recordação. In: Trabalho para a Conferência Brasileira de História

como Memória. Os limites colocados pela história oral, se caracterizam também pela impossibilidade dos sujeitos de se recordarem de todos os aspectos relativos a sua experiência. Evidentemente é preciso relativizar, pois o que seria, tudo? Precisamos considerar que, o relato de uma determinada experiência é algo extremamente subjetivo. Lembrando que nós só nos recordamos daquilo que, de alguma forma, nos marcou, foi significativo, seja de maneira positiva ou negativa.

Nesse sentido, compreendo a memória como sendo a forma como as pessoas interiorizaram o passado, associada à forma como se revisita isso no momento da entrevista. É preciso pensar ainda que a memória é algo extremamente fragmentado, pois os acontecimentos em nossa vida não possuem realmente uma “lógica real”, são desconexos e sem sentido, nós é que no momento em que nos lembramos deles, reelaboramos e damos um sentido. O mesmo ocorre com a narrativa, ela tem uma coerência, quando sabemos que os acontecimentos não. Isso nos leva a pensar que a construção de uma narrativa exige uma lógica, um sentido e conseqüentemente a uma necessidade por parte do entrevistado de pensar: Como eu me olho? E como me vejo na minha relação com as pessoas?¹³

Ao ler uma entrevista, por vez encontro questões que não são muito relevantes do meu ponto de vista, porém não posso desconsiderá-las pois, se foram colocadas é porque são importantes para quem estava narrando. O mesmo pode ocorrer, quando no momento da entrevista, insisto em questões que me interessam, mas sou obrigada a me contentar com respostas curtas e indiferentes, se o tema não desperta o interesse do entrevistado.

Portanto, trabalhar com fontes orais significa, talvez incorrer no risco de termos algumas lacunas, silêncios, no resultado final de nosso trabalho que permanecerão sem respostas. Por outro lado, sabemos que a investigação histórica implica em optarmos por algumas coisas e excluirmos outras. Não podemos ser totalizantes, ou seja, não seria possível abarcar de forma ampla e total as experiências dos catadores de papel em Uberlândia num determinado período. Posso sim, no limite, buscar investigar, reconstituir e problematizar as experiências desses sujeitos, em diversos aspectos, mas alguns serão mais aprofundados que outros, devido ao papel que desempenham na própria vida do sujeito.

Possivelmente poderíamos nos perguntar qual a importância ou mesmo o porque, de se pensar algumas questões acerca da Memória, ou melhor, com qual conceito de memória estamos lidando e quais são nossos pressupostos. E seria importante responder, ou ao menos refletir uma vez que, esses são temas caros a nós historiadores, mais ainda quando nos

Oral, “História Oral e Ética”. Outubro de 1995, pp.21-22.

¹³MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. São Paulo. Ed. Contexto,

aventuramos a trabalhar com fontes orais.

Na tentativa de problematizar acerca de um determinado conceito de memória e sua relação com a história oral no processo de investigação, acredito que seria importante resgatar a possibilidade da entrevista enquanto um espaço para o diálogo, um momento de reelaboração e reflexão para ambos, entrevistado e entrevistador. Afirmo que para o entrevistador também pois, particularmente considero um interessante fator de aprendizagem, a oportunidade de enquanto pesquisadora, tomar contato com outras experiências, outros valores, diferentes dos meus. No processo de investigação da pesquisa, isso se dá constantemente.

Falamos da entrevista enquanto um espaço para o conhecimento e enquanto um momento de reelaborar a própria experiência, ou seja, a memória enquanto recordação, lembrança e esta, sendo passível de transformação, por ser algo dinâmico e sujeito à condição presente do indivíduo. Novamente podemos recorrer a Alistair Thomson a fim de ilustrar melhor essa questão:

“...As experiências novas constantemente reformulam as imagens antigas e por conseguinte criam os novos modos de compreensão. A memória “depende da relação passado-presente, e envolve um processo constante de reconstrução e transformação da experiência recordada” em função das mudanças dos relatos públicos sobre o passado. Quais memórias escolhemos para recordar e relatar (e então relembrar), e como damos sentido a elas são questões que mudam com o tempo”.¹⁴

Ao longo do referente texto, o autor Alistair Thomson consegue abarcar diversas questões importantes de serem pensadas, quando refletimos acerca da memória, como algo plenamente em construção e passível de mudança, ou seja, a surpreendente e magnífica capacidade que possui o ser humano de “olhar para trás” e ser capaz, a cada vez que o fizer, fazer de uma maneira que o possibilite estar mais em paz consigo mesmo ou não, pois como o próprio autor nos diz, as recordações podem ser por vezes, angustiantes ao extremo:

... A recordação também varia de acordo com a (re) mudança de nossa identidade pessoal, a qual me leva a uma segunda interpretação mais psicológica de “composição” a necessidade de comportar um passado com o qual possamos conviver. Nossa identidade (ou “identidades”, um termo mais apropriado para indicar a multi-facetada e contraditória natureza da subjetividade) é a consciência do eu, a qual construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vida com o passar do tempo. Nós, construímos nossas identidades ao contar histórias- ou para nós mesmos como histórias secretas ou fantasias, ou para outras pessoas em situações sociais. A recordação é uma das principais formas de nos identificarmos na narração da história. Ao narrarmos a história, identificamos aquilo que julgamos ter sido, quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser. As histórias que recordamos não serão exatamente as representações do nosso passado,

1991.

¹⁴ THOMSON, Alistair. Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações História Oral e Recordação. In: Trabalho para a Conferência Brasileira de História Oral: “História Oral e Ética”, Outubro, 1995.

mas trarão aspectos dele, os quais serão moldados para se ajustar às atuais identidades e aspirações. Assim sendo, podemos dizer que nossas identidades formam a recordação; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser influi no que julgamos ter sido. As memórias são passados representativos os quais compomos para dar um sentido mais satisfatório a nossa vida com o passar do tempo, e nos quais as identidades anteriores e atuais estão em perfeita harmonia.¹⁵

Penso que consigo a partir dessa referência a Alistair Thomson, trazer à tona várias questões que me pareciam importantes de serem avaliadas. O caráter subjetivo da memória, bem como a própria subjetividade presente na entrevista são elementos que necessitam de minha reflexão e da sensibilidade de quem toma contato com os resultados da investigação, a fim de se obter uma percepção mais ampla dos pressupostos teóricos, assim como do desenvolvimento da pesquisa.

Já fiz referências anteriores às lacunas, aos silêncios que possam estar presentes ao trabalharmos com fontes orais e lidarmos diretamente com algo tão misterioso e instigante como a memória. Mas, não podemos nos dar ao luxo de reduzir a discussão acerca da memória, a uma questão do indivíduo lembrar-se de alguns fatos e esquecer-se de outros, uma vez que essa é uma reflexão que caracteriza-se por uma maior complexidade. Espero que as colocações do autor Michael Pollak possam colaborar para deslindar esse debate:

“...Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à “memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade”.¹⁶

Nesse sentido, o texto: “**Memória, Esquecimento, Silêncio**”, do referido autor, nos possibilita apontar a complexidade em torno da polêmica, acerca do trabalho com fontes orais. Primeiramente, acredito ser interessante chamar a atenção para a concepção de memória de autor, que perpassa também uma compreensão de memória enquanto recordação e em transformação permanente. E mais ainda, como a memória se constitui de maneira conflitante, sendo também um espaço de disputa, de luta. Portanto, essas questões nos levam a buscar outra vez, explicitar o caráter de reconstituição imanente da História Oral. Compreendo que em nosso projeto coletivo denominado: “**A Experiência dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais no Espaço Urbano: Uberlândia 1950-1996**” isso se dá quando objetivamos registrar e compreender a experiência dos trabalhadores inseridos no “mercado informal” e que, por isso estão à margem da sociedade e mesmo da historiografia local, que até o momento

¹⁵ Idem.

¹⁶ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, n.º 03, 1989, pp.3-15.

não atentou para a importância destes enquanto sujeitos na constituição das relações sociais em Uberlândia. O que é mais singular em nosso trabalho (sem pretensão) é a possibilidade da reconstituição histórica na perspectiva dos próprios trabalhadores. Sendo assim, compreendo que há um redimensionamento na forma de se perceber e pensar a cidade e sua organização, ou seja, isso é feito sob a ótica dos sujeitos do processo de investigação, o que revela e nos permite revelar os conflitos pungentes, mas de alguma forma, contidos por quem prefere mantê-los assim, o poder público local e a imprensa, por exemplo.

“...O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”.¹⁷

Esse trecho também extraído do texto de Michael Pollak, nos permite pensar que, a investigação acerca de temas considerados aparentemente sem importância ou destituídos de interesses para as pessoas em geral, pode nos surpreender e revelar questões de cunho político, econômico e social de maneira pertinente e muito ampla.

Durante o processo de investigação, buscando conseguir as entrevistas, pude tomar contato com a alguns bairro da cidade, assim como a realidade que os permeia. Acredito que seja importante, o registro de tudo que pude observar, daí a razão de ter fotografado as pessoas entrevistadas, os locais de moradia, família, amigos e colegas de trabalho.

Optei por não delimitar um espaço físico para atuar, ou seja, não fiquei limitada a entrevistar trabalhadores somente de um bairro ou outro, busquei fazê-lo onde foi possível. Até mesmo devido às dificuldades existentes em estabelecer contato com os catadores de papel. É muito comum vê-los no centro da cidade, pelas ruas e nos bairros. Mas, no momento em que saía à procura de algum trabalhador a ser entrevistado, era raro encontrá-los com tempo disponível para tal.

As entrevistas foram gravadas em fitas k-7, durante estas, busquei motivar o entrevistado a falar de sua vida, abordando todos os aspectos: trabalho, moradia, lazer, religiosidade. Nas primeiras entrevistas realizadas, me ausentei da preocupação em elaborar um roteiro. Ao passo que nas entrevistas posteriores, percebi que isso seria necessário como forma de melhor conduzir a entrevista. Daí então, pude notar que as entrevistas ficaram mais produtivas. Contudo, nem todas as questões interessantes que surgiram constavam em meu roteiro de perguntas, mesmo assim foram aproveitadas para aprofundar as questões relativas aos trabalhadores investigados.

¹⁷ Idem

No momento de transcrição das fitas, preservei ao máximo a “fala” da pessoa, de maneira que não se perdesse as características individuais do entrevistado. A atividade de transcrever as fitas é algo cansativo, demorado e desgastante. Geralmente gasta-se aproximadamente dez horas para se transcrever uma fita, o que equivale a 60 minutos de gravação. Isso também contribuiu para dificultar o processo de investigação. E ainda, alguns artigos recentes, encontrados em jornais locais, deram contribuições importantes, pois traziam informações acerca dos catadores de papel em Uberlândia e suas condições sócio-econômicas.

Na tentativa de justificar o marco cronológico estabelecido por essa pesquisa, ressalto outra vez que o projeto desenvolveu-se junto a um projeto mais amplo, cujo marco definido foi 1950-1997. No que se refere aos Catadores de Papel, optei por precaução, delimitar o período de 1970-1997, pois temíamos não encontrar trabalhadores em idade tão avançada e em condições de serem entrevistados. Mas ao longo da investigação pude constatar que isso não se verificava e, dentre os trabalhadores entrevistados, muitos possuem entre 50 e 55 anos de idade. Essa é uma questão que preciso problematizar melhor.

É sabido que o município de Uberlândia, desde 1950 vivencia um considerável crescimento, profundamente exaltado pela imprensa, pelo poder público e também pela burguesia local. Compreendo que vários trabalhadores entrevistados, ao vir para a cidade, o fizeram envolvidos por esse discurso ufanista. Com isso, quero apontar para o fato de que, a idéia da cidade de Uberlândia como sendo uma cidade que se autodenomina, progressista, moderna, é algo que já se fazia presente nos anos 50:

Uberlândia, uma cidade como tantas outras no Brasil do século XIX, da perspectiva da classe dominante teve, e tem como pressuposto básico de sua história, a ordem e o progresso. A modernidade é parte constitutiva desse pressuposto e significa, em termos amplos, estar aberta a todas as conquistas tecnológicas que pudessem trazer benefícios à sociedade. Aplicada a sua história cotidiana, pode ser traduzida, por medidas concretas que vão desde a luta política por condições que favoreçam o seu desenvolvimento econômico até o planejamento e disciplinarização de seu espaço urbano, aliando o gosto estético à ordem... Essa posição de destaque que Uberlândia ocupa no cenário mineiro e nacional demonstra que o município acompanhou o ritmo das transformações urbanísticas ocorridas no Brasil entre as décadas de 50 e 80.¹⁸

Mas, ao buscar problematizar as experiências dos coletores de papel na cidade, não pude me deter exclusivamente ao período estabelecido pela pesquisa. Principalmente por perceber que, ao retratarem suas experiências, os trabalhadores não separam objetivamente passado/presente, o que me levou a constatar que, por vezes marcos cronológicos estabelecidos de forma rigorosa, podem nos limitar na compreensão de certas questões, ao

¹⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. In: História e Perspectiva. Revista do Curso de História da

longo da investigação.

No interior desse processo de universo imbricados, o tempo cronológico inexistente. O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatam e condiciona quase inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira. Realizar uma entrevista é sobretudo a tentativa de visitar com o entrevistado esses territórios diversos, que se relacionam e se comunicam através de uma lógica para nós desconhecida.¹⁹

Universidade Federal de Uberlândia, n.º 4, jan/jun. 1991. p37.

¹⁹ MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral: caminhos e descaminhos. In: Revista Brasileira de História, S.P. Anpuh, Marco Zero. vol.13, n.º 25/26, set./agosto 93, p.60.

BUSCANDO UM ESPAÇO: A LUTA POR MORADIA

*Eu tem um sonho, deu tê... fazê uma casa boa, se Deus quisê... dexá pus meus fio...
o único sonho que eu tem é esse.
(José Moreira da Cunha)*

Dentre os trabalhadores entrevistados, somente três nasceram em Uberlândia. Alguns vieram de cidades vizinhas, como Uberaba, Nova Ponte e Araguari. E outros vieram do Norte ou Nordeste do país, muitos desses trabalhadores percorreram vários lugares, antes de chegarem aqui e a vinda para a cidade é caracterizada por uma esperança de melhoria das condições de vida. As entrevistas vão possibilitar tomar conhecimento das diferentes trajetórias de vida desses trabalhadores, assim como as alternativas que buscaram, quando sentiram-se desapontados em suas expectativas, em relação à cidade e ao que ela pudesse oferecer em termos de moradia, emprego, saúde, etc.

Assim como em todos os outros aspectos, a questão de onde morar, será diferente na experiência de cada um desses trabalhadores. Alguns puderam ter acesso a um lugar para morar, mesmo com muito sofrimento. Quando fala da luta para obter sua própria casa, Seu Adejanir conta das dificuldades existentes para isso:

“...E, comprei o terreno, pelejei. Pelejei um monte de tempo, fiz até um barraquinho, né? Fiz esse barraco ali... Morei muitos ano, mais de 20 ano naquele barraquinho véi ali ó, de tauba. Ainda num terminou não, né?”

Contudo, ao vê-lo falar pude perceber que Seu Adejanir se sente satisfeito por ter onde morar, mais ainda, o fato de poder afirmar que sua casa o pertence, consiste em uma enorme satisfação. A casa desse trabalhador, mesmo sendo muito simples revela a criatividade e esforço afim de melhor sobreviver. Com a ajuda da esposa, esse trabalhador cria patos, galinhas e uma vez ou outra, até porcos no quintal de sua casa, o que com certeza, auxilia bastante no sustento da família.

Os catadores de papel constituem uma categoria de trabalhadores extremamente carente, em vários aspectos. A busca pelo local de moradia, irá se dar de diversas maneiras, de acordo com as condições de vida e a experiência de cada um. Seu Antônio Pedro²⁰ da Conceição, conta que ao vir para a cidade com um ex-patrão, trabalhou em várias fazendas, onde também residia com a esposa. Mas, devido a conflitos com os patrões, se demitia e

²⁰ Antônio Pedro da Conceição, 58 anos. Entrevista n.º 1, realizada em 31 de outubro de 1.995.

voltava a cidade. Morando de aluguel, ganhando salário mínimo e com problemas de saúde, Seu Antônio diz ter passado muitas dificuldades, não tendo em casa por vezes, nenhum alimento.

Ao falar desses momentos difíceis, esse trabalhador exprime sua angústia. Nessa situação, foi auxiliado pela filha de sua esposa e o marido desta. O casal os acolheu e ajudou-os a construir dois cômodos, no fundo de sua casa. Morando lá, Seu Antônio diz estar um pouco melhor, mas também sente-se constrangido por ainda não ter um cantinho que seja seu. Ao pensar soluções para seus problemas, aponta que, pedir um terreno a algum candidato a vereador, poderia ser uma alternativa:

“... Vô aproveitá agora, na eleição... prá pedi o vereadô, qualqué um, prefeito..., que dá um terreno prá nois fazê um barraco, né? Pode sê no Dom Almir, pode sê em qualqué canto, qualqué bairro, não sendo lonjão demais.”

Na verdade, esta colocação de Seu Antônio, me permitiu refletir de que maneira, ele visualiza possíveis soluções para o seu problema e de muitos outros trabalhadores, que é não ter onde morar. Essa solução aparece de certa forma, distante de suas mãos, como fruto de seu trabalho ou de uma conquista coletiva. Talvez o problema se resolva, se ele **ganhasse** um terreno. O que pude apreender da experiência deste trabalhador é que, certamente ele compreende que o seu trabalho é muito desvalorizado e que com o resultado deste, jamais poderia adquirir sua própria casa. Como não lhe resta muita alternativa, acredita na possibilidade de obter um terreno junto a algum candidato a vereador ou algo assim.²¹

Seu Raimundo²², por sua vez, chegou em Uberlândia, há mais de 20 anos. Nasceu em Juazeiro, no Ceará e veio para cá, após ter trabalhado na construção da Barragem de São Simão por oito anos e dois meses. Para Seu Raimundo, as expectativas em relação à vida em Uberlândia também eram boas. Com uma experiência diferente, tendo aposentado por idade e residindo em uma casa localizada no Bairro Esperança, que ele afirma ter adquirido o direito, por morar lá há mais de oito anos, esse trabalhador e sua família sobrevivem com algumas dificuldades.

Dona Maria das Dores nasceu no Rio Grande do Norte e antes de vir para Uberlândia, morou em várias cidades. Ao chegar aqui, conta que trabalhou fazendo serviços domésticos como: lavar, passar e somente depois é que começou a catar papel. Dona Maria é casada e

²¹ A colocação desse trabalhador permite refletir ainda, acerca de uma prática de cooptação de votos existente na cidade, utilizada por alguns candidatos a cargos eleitorais, de doações de terrenos, cestas de alimento, inscrições de casas populares.

²² Raimundo Rodrigues dos Santos, 78 anos. Entrevista n.º 2, realizada em 31 de

possui dois filhos. A casa onde mora pertence a sua família há 15 anos, sendo destas casas de conjunto, financiadas com verba do governo federal, para a denominada população de baixa renda. Segundo Dona Maria:²³

“... Falta deiz ano pra nois cabá de pagá ainda. É 25 ano, o plano dessas casa, né?”

Provavelmente nos dias de hoje, Dona Maria com o salário de seu marido, que trabalha como guarda noturno em uma empresa e mais o que ganha catando papel, não teria condições de comprar uma casa, semelhante a que ela mora. As casas que atualmente são construídas e colocadas a venda para famílias carentes, são de qualidade bem inferior e de valor excessivamente alto. Na verdade, isso se constitui em um grave problema enfrentado pelas famílias pobres residentes em Uberlândia, a especulação imobiliária; que terá como consequência, a existência de favelas, uma alternativa encontrada pela pessoas, que sem ter onde morar e não tendo como pagar aluguel, constróem barracos nas condições em que lhes é possível, em determinados locais. Uma reportagem do jornal “Correio”,²⁴ revela que a Animação Pastoral (APR), ao realizar uma pesquisa com os catadores de papel:

“...Constatou-se que eles moram em favelas ou bairros pobres, entre eles o bairro Lagoinha, Liberdade, a chamada favela da “SWIFT” e muitos outros”..

Ao tomar conhecimento desses fatos, tentei entrar em contato com algum trabalhador que residisse no bairro Lagoinha ou na favela da “SWIFT”; porém quando encontramos o local, as pessoas haviam sido retiradas pela prefeitura e transferidas para o Bairro Seringueira.

Dentre os trabalhadores entrevistados, há o Sr. Orlando Caetano²⁵, nascido em Nova Ponte e residente em Uberlândia há muitos anos. Ele conta que saiu de sua cidade, andou bastante e por ter alguns parentes, acabou por vir morar aqui. No início, residindo na casa de seus parentes, Seu Orlando conta que estava muito difícil, “muito apertado de gente, né?”. Ao realizar uma operação, de hérnia de disco, sem condições de trabalhar, Seu Orlando mudou-se para um cômodo separado. Passando dificuldades, pagando aluguel, sozinho, ele se vê obrigado a ir morar na favela:

outubro de 1995.

²³ Maria das Dores Ferreira, 57 anos. Entrevista n.º 3, realizada em 16 de janeiro de 1996.

²⁴ Jornal Correio. Edição 14 de abril de 1996.

²⁵ Orlando Luiz Caetano, 60 anos. Entrevista n.º 12, realizada em 31 de agosto de 1996.

"... Eu pensei: Ah, eu tem que í, é isso aí mesmo. Porque num tem outro recurso. Aí fui pra favela. Aí eu num passei mais farta. Almoçava e jantava todo dia. Os amigo lá sempre ganhava muito, tinha umas muié lá, que saia, né? Pedino e ajudava matá minha fome".

Quando fala desses momentos difíceis de sua vida, Seu Orlando fica sensibilizado e o que diz demonstra que, na favela sentiu-se acolhido, sendo realmente ajudado por seus amigos, no momento em que precisou. Mas, essa solidariedade, presente nas relações estabelecidas na favela e narradas por Seu Orlando suscita algumas reflexões. Primeiramente, possibilita desconstruir um discurso da imprensa local e do poder público, de que a favela seja um local que sirva de refúgio para os ladrões e que consequentemente ... **aumentou muito o índice de furtos, roubos, arrombamentos e saques de casas.** (Jornal "Correio"²⁶). Possivelmente, exista a marginalidade, proveniente do desemprego, da falta de perspectiva de melhoria de vida por parte dos moradores, mas isso não pode ser generalizado. Ao rotularem dessa forma todos os moradores da favela, o poder público e a imprensa tentam camuflar o problema real, que é a falta de moradia para grande parte da população de baixo poder aquisitivo.

Segundo Seu Orlando, a favela onde morou no bairro Tibery, foi retirada pela administração do prefeito, na época era o atual deputado federal Zaire Rezende (1983-1988)²⁷ e transferida para um local onde quem teve condições, pode construir sua casa. Mas, as famílias que não puderam foram auxiliadas pela prefeitura, como Seu Orlando mesmo diz:

"... Ele marcô o dia de nois mudá. Nois escoieiu os terreno, marcô o dia, o caminhão foi e pegô nois, trouxe e mandô o material. Quem tinha condições de fazê a casa, sabia fazê, pegava e fazia. Quem num sabia, eles vinha e mandava o funcionário deles fazê a casa. Igual a minha, foi eles mesmo que fez..."

Esse fato narrado por esse trabalhador nos remete a um momento da história de Uberlândia, um outro contexto político, onde as questões sociais eram resolvidas, (ou se tentou fazê-lo) de outra maneira, considerando a necessidade de resolver o problema da habitação para os trabalhadores. Para Seu Orlando, esse momento foi a oportunidade que teve de ter sua casa. Ao terminar de pagar o terreno à prefeitura e após ter construído sua casa, pode vendê-la e comprar outra onde achou melhor e ao falar disso, demonstra o que significou:

"... Porque lá ninguém tinha direito a nada, né? Quando a gente mudô, começou a pagá, sabe que é da gente, né? Já tem algum valor. Porque quando eu morava lá, ninguém valia nada. Porque quem mora na favela, nunca tem valor de nada, né? Pode ser uma grande pessoa, grande moral, boa idéia, mas o lugar é muito refugado, né? Então, é onde a pessoa num tem valor."

²⁶Jornal Correio. Edição de 12 de junho de 1994, p. 7.

²⁷ SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. Banco de Dados Integrados de Uberlândia, 1995.

Seu José Moreira da Cunha,²⁸ tendo nascido numa pequena cidade próxima de Belo Horizonte-MG, veio para Uberlândia há 12 anos atrás. Buscando justificar sua vinda, ele diz:

“...A situação, né? Eu vim pá fazê os conjunto Santa Luzia. Aí quando chego aqui, a firma foi imhora, num tinha condição de levá ninguém. Aí por fim, eu fiquei, busquei minha família e fiquei por aqui mesmo. Aí eu fui mexeno, abri uma favela num canto, outra noutro, até que eu consegui comprá uma casa da Emcop, aqui no Aristóteles, é 236 o nº lá... Minha família toda mora aqui agora.”

Com uma experiência semelhante à de outros trabalhadores, Seu José Moreira precisou lutar muito para ter sua própria casa e em alguns momentos, assim como Seu Orlando, recorreu a favela, como alternativa de moradia. Ironicamente, Seu José desde adolescente trabalhou na construção civil, tendo deixado de fazê-lo há 8 anos, por não conseguir trabalho. Certamente ajudou a construir várias casas ao longo desse período, mas para obter a sua casa, foi preciso muito mais que o suor do próprio rosto, foi necessário coragem e ousadia, elementos essenciais na conquista de algo que se tem consciência de ser um direito. Essa consciência, Seu José Moreira tinha, sua história revela:

A casa como é que eu consegui? É assim: Eu morava, eu entrei numa favela aqui embaixo, sabe? Entrei não, eu abri uma favela cá embaixo. Eu sô positivo pá... Aí, a Tânia é advogada da prefeitura, ela vêi pá me despejá daí, no mermo dia, que nois tinha vindo, tinha posto só 2 teia em cima e cercado de lona preta. Ela chegô, virô pra mim, falô assim: “Qualé o proprietário desse rancho aí?” Inda abusô ainda, “esse rancho”. Aí eu falei não, rancho não, aqui é minha casa, lugá dê eu pô meus filho. Ela falô: “Você num sabe que isso aí é área verde?” Eu falei: Não, já era verde, eu já capinei tudo e quemei, agora num é mais verde mais, já tá seco. Bom, ela falô assim: “Océ tem 24 hora pra desocupá aí”. Virei pra ela e falei assim: Oia, eu num quero desacatá a autoridade da senhora, mas só tem um porém, a sra. tem uma casa? Ela virou pra mim assim: “Eu tem”. Então a sra. vai na frente, desocupa um quarto lá, que eu vô com a minha família... Ela falou: “Mas cê num pode alugá uma casa?” Eu num posso não! Ela: “Pois eu alugo uma casa, trabaio de ordenado também!” Eu falei: Pera aí! Esse carro é da senhora? Ela: “É”. Então faz o seguinte, a sra. vende e compra uma casa, que aí a sra. facilita mió. Ela: “Ih, com ocê num tem jeito não, pode ficá quieto aí, mas num dêxa ninguém mais fazê barraco aí não...”

Segundo Seu José, depois de algum tempo na favela, onde recebeu ajuda da “assistência social”, de alguns “padres”, os moradores foram convidados a se retirarem para os bairros Seringueira ou Tocantins, mas ele próprio se recusou argumentando:

“Eu num tem condição de morá num lugá desse, num tem carro, num tem nada. “Então cê vai pro São Jorge”. Falei: piorô!”

Com a persistência que lhe parece ser característica, Seu José Moreira conseguiu permanecer morando no Bairro Lagoinha, na casa onde reside há 7 anos. Dentre os

trabalhadores que vieram de regiões mais distantes, pude conhecer no processo de investigação, Seu Benedito Francisco Queiroz²⁹. Morando há mais de 20 anos em Uberlândia, ele diz que sente-se como se tivesse aqui nascido, mas veio de Natal-RG (Mossoró). Suas lembranças da cidade de origem não são muito agradáveis:

“Que eu sai do Norte, tava ruim, uma seca danada, né? Eu digo: Ah, vô cá fora, sai com 3 fio (filhos), os 3 fio que vei de lá, só tem um, escapô só um...”

Assim como vários outros trabalhadores, Seu Benedito veio para a região na esperança de encontrar melhores condições de vida e de trabalho, em oposição ao Norte:

“...É mode o tempo, o tempo tava ruim demais. Uma seca danada, de cá eu digo: Ah, mulher vamo cá fora? O povo falava muito de São Paulo”.

Analisando o conteúdo das entrevistas, percebo que a região Minas Gerais-São Paulo se configurou como uma possibilidade de maior fartura ou no mínimo, oportunidade de trabalho, para os trabalhadores que para cá vieram nos anos 70. Ao vir do Norte, Seu Benedito trabalhou em diversos lugares, Brasília, Goiás, foi quando perdeu o emprego e a saúde, que veio para Uberlândia, com a perspectiva de tratar-se na “Medicina”.³⁰ Pelo que pude compreender de sua história, Seu Benedito algum tempo depois de chegar à cidade, foi morar numa “casinha de 4 cômodo, por baxo do córrego, naquela bêrada”, próximo ao local que é hoje a Av. Rondon Pacheco. Com a decisão da prefeitura de retirar os moradores do local, Seu Benedito teve que sair e foi então que veio morar no Bairro Oliveira. Tendo desfeito sua casa “na Rondon”, com o auxílio da prefeitura que trouxe o material, construiu a casa onde mora hoje. Mas, até que sua casa ficasse pronta, Seu Benedito viveu situações de extremo desconforto; morando em um barraco de lona e por vezes tomando chuva à noite, junto com a esposa Celina.

João Batista do Nascimento³¹ também veio de longe. Nasceu no Ceará e veio para Uberlândia há quase 20 anos atrás. Para ele essa é uma cidade agradável de se viver:

“...Porque toda vida Uberlândia é mió da gente convivê, em vista da gente sê pobre, né? Essas dificuldade sempre, eu gosto de Udia. Morei em muitos lugares, morei no município de Estrela do Sul,

²⁸ José Moreira da Cunha, 49 anos. Entrevista n° 15 realizada em 29 de junho de 1997.

²⁹ Benedito F. Queiroz, 75 anos, Entrevista n° 14, realizada em 27 de abril de 1997.

³⁰ Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, denominado de Medicina, extremamente conhecido e procurado pela população das cidades vizinhas.

³¹ João Batista do Nascimento, 58 anos. Entrevista n° 17, realizada em 06 de julho de 1997.

Monte Carmelo, Cumari, esses lugazim mais pequeno é mais atrasado... Eu nunca gostei, porque tem um lugá que a gente vai morá ou trabaia, a gente gosta mais que o otro, né?"

Semelhante a Seu Benedito e Seu Orlando José, Seu João Batista também morou em algum local próximo à Av. Rondon Pacheco que como ele conta, era uma "invasão". Com a retirada dos moradores da ocupação, ele optou por comprar o terreno no bairro Lagoinha, mas poderia tê-lo feito nos bairros São Jorge ou Seringueira. Segundo Seu João, isso ocorreu na "presidência do Zaire Rezende", o que me fez pensar que há uma relação entre o fato de vários trabalhadores entrevistados terem feito referência à administração do ex-prefeito (deputado federal Zaire Rezende, 1983-1988), como um período em que se sentiram beneficiados em sua condição de trabalhadores que sobrevivem com dificuldades. Compreendo que de alguma maneira, esses trabalhadores tiveram alguma atenção da administração pública municipal daquela gestão e isso se deu de forma concreta, pois alguns atribuem a conquista da moradia, à oportunidade oferecida pela prefeitura no referido contexto.

O que Seu Orlando, Seu José, e outros catadores de papel disseram, me levou a pensar o quanto foi significativo para esses trabalhadores adquirirem sua própria casa. Ter onde morar, ser dono de sua própria casa, está associado ao reconhecimento da própria dignidade e da valorização de sua pessoa. Mas para além disso, compreendo que para grande parte dos coletores de papel entrevistados, o fato de serem o proprietário de suas casas, é algo importante, pois os colocam numa situação de inserção num determinado grupo. Entendo que isso faz com que não sintam-se marginalizados, uma vez que a casa é o espaço privado para resguardar a família, receber os amigos. É preciso lembrar ainda de como é característico a casa de um catador de papel, e a conquista de um espaço para morar, de alguma forma confere uma identidade. Para uma melhor compreensão dessa questão, acredito que a reflexão a seguir colabore.

IMAGENS DA CIDADE (S) NO IMAGINÁRIO DOS TRABALHADORES

A experiência dos trabalhadores, com os quais tive contato, em relação à cidade irá caracterizar algo, que considero por demais ambíguo e contraditório. À medida em que falavam de seus sonhos e anseios, pude perceber a relação que se estabelece, entre as aspirações desses trabalhadores e a imagem que possuem da cidade, que foi aos poucos sendo construída. E a ambiguidade a que me refiro se faz presente justamente aí: No fato de que os catadores de papel sonham com melhores condições de vida, mas vivem uma realidade distante

disso e nem assim, deixam de afirmar que seja bom morar em Uberlândia; Seu Adejanir³², atualmente catador de papel, mora na cidade há mais de 20 anos e ao falar de suas impressões, coloca o seguinte:

“... A cidade é boa, né? Uberlândia é bom. Uberlândia pra quem tem coragem de trabaiá, num passa dificuldade de nada não. Porque tudo aqui, que ocê í fazê, ocê ganha dinheiro. Teno coragem de trabaiá, ganha dinheiro”.

É intrigante pensar acerca dessa contraditória relação entre o discurso elaborado e a experiência vivida, certamente não podem ser tão díspares, como parecem, ou seja, ao falar de suas experiências na cidade, os trabalhadores apontam concretamente o que os fazem gostar de viver aqui.

Essa cidade é uma beleza, o povo é tudo bão, aqui é mãe. Aqui é uma mãe! Mãe mermo, eu falo e num canso de falá, essa cidade é muito acolhedora, cidade muito boa, o pessoal muito bão. Apesar que às vez tem alguns que é ruim, que eu já tem topado muito por aí, que até briga com a gente por causa duma caixa que panha num lixo! Mas tem muitas pessoa boa, falá a verdade ó; num sei não, se num fosse esse pessoal daqui sê muito bom, eu num tinha guentado vivê nisso aqui não, num tinha não, de jeito nenhum! Ocê imagina bem, apesá que eu sô crente, num nego, num nego meu Senho...! Mas quando eu pra aqui vim, antes de eu entrá na religião crente, os Maçom me ajudô demais tamém, muitas pessoa. Meu fio nasceu aqui, nasceu miudim, de tanto sofrê lá na minha terra, que lá é uma tristeza! Aqui ele foi pra Medicina, ganhô trato, ficô lá na incubadora, a muié foi operada aqui, tudo aqui. Então, eu num sei nem falá não, eu acho que eu num mudo daqui nunca. Só daqui pro Bom Pastor, daqui eu num sai mais nunca na minha vida. Eu vô lutá até finá, mais aqui! Se ela me acolheu, ela vai me socorrê. Porque pra mim, ela é a merma coisa que a casa da minha mãe, essa cidade!

As reflexões de Seu José Moreira acerca da cidade de Uberlândia estão marcadas por lembranças do lugar de onde veio, ele estabelece certas comparações e talvez a vida lá fosse mais difícil ainda, o que o faz pensar que aqui, as condições de vida sejam melhores. Ao analisar o discurso dos trabalhadores acerca das relações que foram estabelecendo aos poucos, no bairro, no trabalho, com os amigos, pensei ser importante refletir um pouco sobre o que seria a cidade para os catadores de papel. Afirmo isso, devido ao fato de que, ao falarem de suas impressões acerca da cidade, os trabalhadores sempre se reportam ao bairro, às relações com os vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Possivelmente, para os trabalhadores entrevistados, o agrupamento de todos esses elementos seria o que se constitui, a cidade. Isso significa então que, para compreender o que seja a cidade para os trabalhadores, é preciso que ampliemos nossa visão de cidade. Seria errôneo pensar que, a imagem de cidade para os coletores de papel, seria algo somente externo, influenciada pela imprensa ou pela administração municipal. Tudo isso está de uma certa maneira imbricado, mas por outro lado,

³² Adejanir Luciano, 51 anos. Entrevista nº 9, realizada em 12 de maio de 1996.

os trabalhadores não deixaram de reelaborar esse discurso, elaborando um outro, a partir de suas próprias experiências nesse mesmo espaço. Talvez por isso a imagem de uma cidade solidária e caridosa, seja algo constante na fala de alguns coletores, como Seu Benedito³³ por exemplo:

...Ah, num tem o que falá de Uberlândia não, graças a Deus. Uberlândia é muito bom! ...Num há lugar melhor que Udia não. Porque todo mundo aqui é caridoso, né? Tem dó, né? Ni outa (Em outra) cidade ninguém, cê chega, sai assim pum canto, por aí... Às veiz, eu sai catano papel, o povo já me conhece muito tempo aqui, chega: "Ô Benedito, cê tá com fome?" Digo: tô. "Cê qué um prato de comê?" E nouto canto, num tem, ninguém acha isso não. Num tem o que falá de Udia, Udia é um lugá muito bom pá pobreza.

A violência urbana também se constitui em um problema enfrentado pelos catadores de papel. Como moradores de bairros periféricos, estudantes de escolas de ensino noturno, esses trabalhadores precisam lidar com a violência como uma constante em suas vidas. Para Dona Maria, isso se configura em um sério problema, no momento em que precisa sair e não é seguro deixar a casa sem alguém:

" ... Nois num podemo sai de nossa casa, deixá um minuto nossa casa mais aberta... Nem fechada, que eles vêm e arromba. Já tá olhando a gente sai, mode fazê a danura... E isso é só o que a gente acha assim, triste daqui em Uberlândia, em todo lugar tá assim".

Para Wilton a violência urbana também se traduz em bagunça e confusão na porta da escola, as coisas assumem tal dimensão, que a direção da escola perde o controle da situação:

" ... Ah, os malandro fica aí ... Igual lá na porta da minha escola, a gente sai lá, num tem jeito e sai. Alguns, eles caça confusão com os menino na escola brincano. Os menino vai e chama a galera pra pegá eles. Vai, chega lá de fora, quase mata o menino de dá pancada nele. Precisa até chamá a polícia! "

Ao abordarem essas questões, esses trabalhadores possibilitam descortinar um outro lado da cidade. E com certeza, não é um lado, que seja mostrado pela imprensa, pelo poder público. Na verdade, ao falar de seus problemas, os catadores de papel permitem desconstruir o discurso de Uberlândia, como um "cidade modelo, ... progresso". Até mesmo porque, esse suposto progresso não se faz presente no cotidiano deles. Torna-se visível isso, quando os catadores de papel abordam questões referentes ao bairro onde residem. Percebem o crescimento da cidade, mas este não chega até o bairro, onde a escola não atende a todas as crianças, falta um posto de saúde e outras coisas necessárias à sobrevivência. Compreendo perfeitamente que a violência urbana é algo corriqueiro em nossos dias, mas ainda assim

³³Benedito Francisco Queiroz, 75 anos. Entrevista n° 14, realizada em 27 de abril de 1997.

gostaria de chamar a atenção para a maneira específica como esta se revela na experiência dos catadores de papel em Uberlândia.

Durante a entrevista, solicitei a Rafael que falasse de suas impressões. Ele diz ser Uberlândia, uma cidade tranquila, pois há lugares onde seja possível ir, divertir e consumir; com isso Rafael justifica porque a cidade é um bom lugar para se viver.

“Porque tem muito lugar de sai, qualquer cê falá, quisé i no clube ou qualquer coisa, quisé ir no shope, aqui tem. Quisé i no supermercado grande, quisé i no centro, tem muito negócio barato aqui. Por isso que é uma cidade boa, né? Tem cidade que num tem shope. Tem que (cidade) que num tem nem nada pro cê fazê. É uma cidade que tem tudo, né? De tudo, um pouco”.

Porém, ao falar de como se sente em alguns lugares que frequenta, da necessidade de se comportar de uma determinada maneira, esse jovem trabalhador acaba por revelar uma face da cidade diferente dessa descrita acima, aparentemente ideal. Segundo ele, os arredores de seu bairro são habitados por alguns “malandros” e é sempre bom “ficar no seu canto”, para evitar problemas, quando estes estão por perto. Para Rafael tanto nos bairros, quanto no centro da cidade, há muita violência e ele não sabe exatamente qual a causa disso, mas arrisca uma solução:

“Ah, tinha que pô mais é policiamento aqui, né? Ficá assim, o cara bate, tinha que tê um posto de policiamento, assim, pá ficá mais sossegado. Assim, pro cê falá assim: vô descê ali, até que acontece um negócio, o cara te mata ou qualquer coisa, até que chega a polícia já, o cara já morreu, já foi assaltado, sei lá. Tinha que pô mais polícia, né?...”.

Sendo assim, compreendo que não é possível definir com exatidão uma imagem de cidade para os trabalhadores. Afirmo anteriormente que, acredito numa relação direta entre as experiências cotidianas vividas no bairro, as relações estabelecidas, amizades e até mesmo, os conflitos e uma imagem de cidade. Mas de qualquer forma, essa imagem se apresenta de múltiplas formas, num mesmo discurso, elaborado por um mesmo sujeito. A cidade para Rafael é tranquila e boa, mas é também violenta, perigosa, agressiva. Para Seu José Moreira, Seu João Batista, entre outros trabalhadores entrevistados, a cidade é um bom lugar para se viver, “em vista de se ser pobre”. Porém é também o lugar do desemprego, da luta árdua e constante por uma sobrevivência mínima, em péssimas condições de vida.

Por isso mesmo, tem sido difícil lidar com a experiência desses trabalhadores, apesar de que a riqueza do trabalho encontra-se justamente aí, nesse emaranhado de discursos, de práticas e de diferentes e contraditórias impressões, acerca de um mesmo objeto, a cidade. Mas o interesse maior da pesquisa é realmente problematizar a visão que possuem os catadores de papel. Com todos os limites, se estabeleceu aqui uma tentativa. É preciso pontuar ainda, a

contribuição das fontes orais no processo como um todo e continuar a pesquisa, buscando aprofundar esse aspecto.

5
6
7

8
9

10
11
12
13

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

No que diz respeito ao aspecto do trabalho, as condições também são diversas, nas experiências dos catadores de papel em Uberlândia. Esses trabalhadores constituem uma categoria que sobrevive em difíceis condições. Estima-se que a cidade abrigue aproximadamente 2.500 catadores de papel. E abriga muito mal, pois os trabalhadores entrevistados vivem em péssimas condições de vida, moradia, saúde e trabalho. Ainda assim é surpreendente pensar, que alguns trabalhadores irão fazer a opção pela atividade de catar papel. Suas opções, mesmo em um universo limitado, ainda existem. Esses trabalhadores, com as dificuldades que enfrentam no dia-a-dia, poderiam ter “escolhido” dentre as profissões existentes no “mercado informal” de trabalho, outras atividades como ambulantes, bóia-frias, chapas. Mas não o fizeram, optaram por catar papel e na experiência de cada um, essa é uma decisão dotada de significados.

Considerando ainda que nesse aspecto da opção, preciso apontar uma outra questão. Um outro aspecto interessante da experiência desses sujeitos é o fato de que, nem sempre, estes foram catadores de papel, ou seja, já exerceram outras funções, em outras circunstâncias. É interessante acrescentar que, de acordo com as experiências (que são diversas), a atividade de catar papel culmina como alternativa, afim de sobreviver, independente do fato de já se ter tido uma experiência anterior ou não.

A história da trajetória desses trabalhadores, vai nos colocar que, ao trabalhar em uma firma sentia-se explorado por permanecer 8 horas no trabalho, ganhando um salário mínimo, que o impossibilitava no final do mês, de pagar aluguel, água, luz, alimentos, remédios, etc. Diante dessa situação, esses trabalhadores vão optar pela atividade de catar papel, pois ganhariam o mesmo tanto ou até mais e ainda teriam um certo controle sob seu próprio tempo e sob o exercício de seu trabalho. Com isso, percebo que em alguns casos, o fato de optar por catar papel, está muito vinculado a uma busca de autonomia, por parte desses trabalhadores. Acredito que a fala de Seu Raimundo Rodrigues, possa contribuir para um melhor entendimento:

“... Não, eu acho que está melhor. Eu não sou mandado, né? ... Vou aonde quero, vou o dia que quero. Em firma, a gente é mandado, né? Às vezes, a gente até não pode, porque não tá aguentano, é obrigado a ir. E aqui não, vou aonde eu quero, eu cato papel do jeito que eu quero. Ninguém não me amola...”

Fazendo parte de um grupo de trabalhadores, que já estão numa idade avançada, mas precisam continuar trabalhando para sobreviver, mesmo sendo aposentado, recebendo um salário mínimo por mês, Seu Raimundo acorda cedo todos os dias e dirige-se, empurrando seu carrinho de mão até a Tarumã, uma fábrica de sorvete, localizada no Bairro Roosevelt. Chegando na fábrica, ele está autorizado a recolher o papelão e levar para casa, onde junta até o momento em que houver quantidade suficiente para chamar o caminhão do Butelão, a empresa que compra o papel.

Com todas as dificuldades, a experiência desse trabalhador ainda se configura de forma menos dolorosa, pois ele mesmo é quem diz que só vai trabalhar, se estiver se sentindo em condições para isso. A mesma coisa, não pode dizer Seu Antônio Pedro, ao falar das condições em que realiza seu trabalho todos os dias:

“... Papel não tá dando nada não, eu tô juntano porque eu preciso... Mais num é, cê num aguenta... só Deus sabe, quando eu sai cedo, eu ando, tem dia que eu ando dois bairro, daqui uma légua e tanto. Puxando uma carroçona que é um mundo véio de ... Cê vê, eu tô juntano é porque eu preciso trabaiá...mais que eu tô aguentano mais, não, num guento... Vai indo, as perna, né? Mais difícil é puxá a carroça, né?...”

Quando narra estes fatos, Seu Antônio nos coloca a par de sua luta diária. Na verdade a atividade de recolher o papel, caracteriza-se por ser difícil, cansativa e desgastante. Para os trabalhadores a que me refiro acima, a atividade de catar papel é ainda mais difícil e dolorosa, por já estarem numa idade avançada. Ao saírem de casa, geralmente às 6:00h da manhã, empurrando um carrinho de mão, “fabricado” por eles mesmo. Raramente vão ao centro da cidade, devido ao fato de que lá, o trânsito é bastante conturbado, até mesmo violento. Então andam, pelos bairros da cidade, percorrem a pé, vários deles durante o dia. Mas não encontram muita coisa, ou seja, muito papel. Também estão limitados pelo carrinho, pois só podem levar, o que cabe neste. Por isso, durante um dia, fazem várias viagens. O problema é que esses trabalhadores a que estou me referindo, já estão velhos. Sendo assim, despendem um esforço físico muito grande nesses percursos e nem sempre conseguem recolher a quantidade de papel que necessitam.

Seu Benedito Francisco Queiroz é um outro exemplo, aos 75 anos e com um grave problema de saúde, um desvio na coluna extremamente profundo, que o obriga a permanecer sempre curvado. Mesmo aposentado por invalidez, Seu Benedito precisa trabalhar, pois o salário que recebe da aposentadoria não é suficiente para sobrevivência sua e da companheira. Para ele, o trabalho é como um martírio todos os dias, mesmo doente e sem muita força, precisa ir:

“...É quando eu cheguei aqui, que eu adoeci, num guentei mais trabaiaí, as firma num pegava eu pá trabaiaí, tamém num guentava trabaiaí puxado. E eu digo: Ah, vô tê que me virá, que num vô esperá pu fio, me dá de comê?! Eu tinha que trabaiaí! Juntano papel, lata, vendeno e tô até hoje, né? Eu juntava num carrinho de mão e depois o povo falava: “Benedito, tu larga de cê bobo home! Cê inda morre arreventado de puxá tanto tréim assim, compra uma carroça”. Depois que eu mudei pra qui que eu comprei, né?...”

Justamente por trabalhar em condições tão penosas, Seu Benedito sai de casa todos os dias, mas somente pela manhã e alega:

No estado que eu fiquei, trabaio porque tem precisão, né? Se fosse ôto, porque tem muito aí, que às vez é novo e num tem disposição pá trabaiaí. Eu trabaio porque num tem quem me dê, eu tem que trabaiaí!... A pessoa cata porque tem precisão, se num tivesse num ia catá não, né? Tem que catá, porque nu tem jeito. Os fio num me ajuda, eu tem que trabaiaí duro pá comê... Amanheceu o dia, às vez eu tomo um cafezinho, sumo no mundo, vô chegá 1:00h.

Ao falar de si próprio ele pode parecer dramático, mas ao vê-lo não somos capazes de apreender seu sofrimento. Mesmo fazendo uso da carroça como instrumento de trabalho, Seu Benedito limita seu trajeto aos bairros próximos de onde mora, pois acha o centro da cidade, uma verdadeira “penúria”. Ao recolher o material que encontra, Seu Benedito apanha o que for possível:

“Eu cato é ferro, papel e ferro, eu cato tudo misturado, quando acho papel, eu trago, quando eu acho pouco, intero com ferro véi”.

Com isso a casa de Seu Benedito, como a maioria dos trabalhadores, tende a virar um verdadeiro depósito, uma mistura de ferro velho e papel, revelando à primeira vista, a profissão do morador. Os problemas colocados pelos trabalhadores permitem vislumbrar as dificuldades enfrentadas por estes, no exercício da coleta de papel. Esse trecho de um artigo do Jornal “Correio”, possibilita uma compreensão maior do problema que discuto nesse momento:

“...O catador de papel Antônio César, ex-trabalhador rural, que está na cata de papel a um ano e quatro meses, disse conseguir arrecadar dois salários por mês. Mas, para conseguir arrecadar a quantia, precisa trabalhar diariamente das seis da manhã até, às vezes às 21:00h. De acordo com ele, cada carrinho bem cheio chega a pesar 120 kg. “É possível conseguir uns 200 kg por dia, se trabalhar sem parar”³⁴

Como se pode perceber, pelo que foi dito acima, a tarefa de recolher o papel é extremamente exigente e não muito compensadora. O reduzido valor, pelo qual se compra o papel atualmente, também é desanimador para os catadores. Por razões que os trabalhadores

³⁴ Reportagem do Jornal “Correio”, edição de 14 de abril de 1996.

desconhecem, o papel está cada vez mais barato, como afirmam Seu Antônio Pedro e Antônio César respectivamente:

"... Que na época que o papel tava 13 centavos, eu achava mais. Hoje o papel foi pra 6 centavos, eu não acho. Eu sai cedo, quando eu chego, a carroça vem vazia, quase vazia. Qué dizê que ... a coisa barateou e ficou ruim pra mim, né?"

... Cada kg de papelão é vendido a 4 centavos. Já o papel conhecido como misto- papel de escritório, gráfica e jornal- é vendido a 2 centavos. Houve época em que o preço foi melhor. Não sei também a quanto é vendido lá fora, pois nunca vi uma única nota de venda. Não há muita concorrência. Existem apenas dois ou três lugares que compram e apenas um compra em grande escala. Não podemos fazer muita coisa. Precisamos do dinheiro.³⁵

Realmente, a julgar pelos depoimentos acima, poderíamos definir a atividade de catar papel, como simplesmente insensata. Porém, não é tão simples assim. A partir do conteúdo das entrevistas realizadas, pude vislumbrar um fator intrigante na trajetória dos coletores de papéis em Uberlândia. Alguns trabalhadores colocaram que, em um determinado momento, ganhavam o papel ou papelão, de donos de supermercados, muitas vezes de grandes lojas atacadistas. Mas que agora, esses donos de lojas negam-se a doar o papel e o vendem eles mesmos, afim de pagarem pequenas despesas na empresa, de acordo com o relato desses trabalhadores. Sendo assim, aqueles catadores de papel que, antes obtinham o papel com "mais facilidade", tendo somente que buscá-lo em alguma loja ou supermercado, agora teriam que sair à procura do mesmo.

Outro problema apresentado pelos catadores de papel, no exercício de seu trabalho, é o fato da prefeitura municipal, terceirizando o serviço de coleta de lixo, o coloca sob a responsabilidade de uma construtora, a CCO. Esta empresa, dentro do processo de terceirização (aqui vou considerar como do conhecimento do leitor), contratou uma determinada quantidade de empregados que, agora farão o serviço dos ex-funcionários públicos, por um salário inferior e certamente, destituídos de vários direitos trabalhistas.

Poderíamos até pensar, em que medida, isso tudo tem a ver com a experiência dos coletores de papel? Primeiramente, quem trouxe à tona a questão dessa mudança nos serviços de limpeza da prefeitura, foi um trabalhador, que afirma que com isso, os catadores de papel saíram prejudicados. Tal prejuízo, se dá na medida em que a empresa tem também interesse no material (papel, papelão, plástico) e o recolhe para si mesma, onde isso é possível de ser feito.

E é justamente no centro da cidade, que alguns trabalhadores afirmam precisar "brigar" pelo papel, pois os fiscais da CCO os perseguem na intenção de impedi-los de recolhê-lo, com

³⁵ Idem

a justificativa de que estão atrapalhando o trânsito. Ainda no centro da cidade, os catadores de papel que trabalham utilizando a carroça, precisam ainda enfrentar os motoristas de carro ou ônibus, no violento trânsito de Uberlândia, que tem se tornado cada vez mais *conturbado e irracional*.

Para os trabalhadores que acumulam o papel (ou mesmo outros materiais) em suas casas, até que tenha quantidade suficiente para vendê-lo, os fiscais também são uma constante. Estes são da Vigilância Sanitária e segundo os catadores de papel, estão sempre por perto, para verificarem as condições de higiene dos respectivos “depósitos” de papel. Segundo os fiscais, o papel acumulado atrai insetos, ratos, baratas e outras pestes, daí a necessidade de cuidados.

Se por um lado, os trabalhadores vão se defender, afirmando que não deixam o papel acumulado mais de sete dias e que sempre varrem e tomam os cuidados necessários. E estes são realmente importantes, pois muitas vezes, o papel recolhido, vem acompanhado de lixo e precisa ser selecionado. Caso isso demore a acontecer, coloca-se em risco a saúde dos moradores da casa e mesmo dos vizinhos. Por outro lado, essa excessiva “atenção” dada aos papeleiros por parte dos fiscais, tanto da CCO, como da Vigilância Sanitária, me levou a pensar, se não há por parte do poder público uma ansiedade muito grande em controlar o espaço público e as atividades exercidas neste, denominadas como *informais(?)*, nesse caso, por exemplo: a coleta de papel.

É por isso e também pelas informações dadas anteriormente, que acabam por desembocar em uma contradição, isto é, se o papel possui um valor irrisório, porque o interesse dos empresários por este? Ou será que o papel só é destituído de valor, quando é vendido pelos catadores de papel? Aliás, uma outra questão colocada pelos trabalhadores, é o fato de que, estes acreditam serem lesados na venda do papel, sendo necessário que fiquem atentos. Para Seu Antônio, isso consiste em uma séria dificuldade, uma vez que os compradores de papel, jamais pagam o valor pedido:

“... Leva um caminhão de papel, leva um caminhão de papel daqui, nosso. Como faz meu, como é de Seu Raimundo, como é dos irmão dela, roba a metade ! Ele roba mesmo! Né? Um dia eles, esse tempo, papel meu aqui, muitos ano, muito tempo, 350 kg de papel ... Então ... 60, 70 real, eles paga 45, 49...”

De qualquer forma, de acordo com as condições e limitações, os catadores de papel vão apresentando suas resistências a essa situação. Análise dessa maneira, ou seja, como forma de enfrentar a desvalorização do papel e o controle fiscal, o depoimento de dois adolescentes que catam papel nas ruas da cidade, Éder e Alexandro¹:

“... Num tem medo não. Pego lá no Lojão das Fábricas ... Conhece, eu chego lá, converso com o gerente, aí ele fala pra mim ir lá buscá ... É. Aí nois mói (molha) o papel, vende e recebe.”

Na verdade, o ato de *molhar* o papel e escondê-lo em meio aos outros, já dobrados, é uma forma de aumentar o peso do papel e consiste em uma prática exercida por alguns catadores. Como já foi possível de ser observado, por tudo que já foi exposto até o momento. Em relação às **condições de trabalho**, também existem diferenças marcantes entre os catadores de papel. Uma experiência adversa à dos coletores que, para recolherem o papel, utilizam um carrinho de mão, andam o dia inteiro e muitas vezes não conseguem recolher a quantidade de papel que necessitam, é a experiência de Seu Adejanir³⁷. Esse trabalhador é um sujeito que muito contribuiu para a reflexão acerca das experiências dos catadores de papel em Uberlândia, uma vez que história dele próprio, é de extrema riqueza. Como ele mesmo conta em sua entrevista, antes de catar papel, exerceu várias outras funções, como: funcionário de uma limpadora de arroz, na cidade de Ituitaba-MG. Foi também sócio em uma pequena mercearia, vendedor ambulante de verduras e administrador de um depósito de compra e venda de papel, pertencente ao Butelão:

“... Foi o seguinte, eu cheguei aqui, eu trabaiei primeiro de vendê leite pra Calú. Depois fui pra fêra, mexê com fruta. Aí eu saí ... Fui vendê verdura na rua, carroça. Aí eu larguei das verdura e comecei nesse ramo. Ferro vêio e papel, fui comprano. Já tive dois depósito alugado no Centro ...

A princípio, poderíamos analisar a experiência desse trabalhador como que revelando uma certa “instabilidade” no trabalho, como o sujeito que, costuma-se dizer: “não para em lugar algum”.

³⁶ Éder Aparecido Teixeira, 13 anos e Alexandro de Oliveira Souza, 13 anos. Entrevista nº 6, realizada em 21 de maio de 1996.

³⁷ Adejanir Luciano, 51 anos. Entrevista nº 9, realizada em 12 de maio de 1996.

Por outro lado essas contínuas mudanças de trabalho também apontam uma insatisfação, evidentemente, bem como um **inconformismo** com a situação vivida no momento. Daí então, uma busca de melhores condições de trabalho e melhor remuneração. E foi através dessa experiência como “intermediário”, (ele quem assim define), que Seu Adejanir achou que ter seu próprio depósito, era uma idéia que poderia dar certo. Isso se dá também em consequência do alto preço do aluguel, do terreno onde era o depósito, o que contribui para que ele desista do serviço. A partir daí, passa ele mesmo a recolher o papel para si próprio, afim de vender para o Butelão ou qualquer outra empresa, que pague melhor.

“... Aí o aluguel lá tava muito caro. Aí quando eu comprei esse terreno aqui, num tinha movimento nenhum ... Aí venceu o contrato lá e eles queria caro de nois lá, o terreno. Aí, vixi? Não, eu vou lá pra casa. O que dé agora, é lá em casa. Aí vim pra cá, né?”

Para constituir sua “micro-empresa”, Seu Adejanir conta com a ajuda do filho mais novo, Cristiano, para o qual paga um ordenado. Esse trabalhador possui duas ou três carroças, a mesma quantidade de cavalos. E como está acostumado a transitar pelo espaço urbano, no centro da cidade, conhece vários donos de lojas, os quais dão papel e caixas vazias a ele. Uma demonstração de *esperteza* por parte de Seu Adejanir, é o fato de que ao vender o papel para a empresa, não vende as caixas de papelão. Pois estas podem ser vendidas por um preço superior a um comerciante, o que irá lhe garantir um lucro maior.

Sendo assim, seu trabalho, de seu filho e mais um ajudante que possui, consiste em se dirigir para o centro da cidade nos horários que considera adequados e recolher o papel. Armazenando este papel no quintal de sua casa, em pequenos fardos, Seu Adejanir acumula durante uma semana, até que aos sábados, o motorista da empresa vem recolher:

“... É, num fico andano, né? Aí eu tem um lugar só. Já deixo a carroça noutro. Então, quando vai pra outro, já tá tudo na carroça. E outro pra baixo ali, eu vou juntano e pondo na carroça. Quando é 6:30h, 7:00h, é que eu desço pro outro pá pegá, pá vim imhora ...”

Outra experiência um pouco diferente, mas também muito interessante, é a de Wilton, um adolescente de 13 anos. Segundo ele, a idéia de catar papel surge, quando percebem que outras pessoas estão fazendo e não parece ser tão ruim. Daí, como sua mãe possuía algumas economias, ele e o irmão pedem a ela que lhes compre uma carroça e um cavalo. Assim ela o fez e agora ambos catam papel pela avenidas no centro de Uberlândia, contribuindo para as despesas da família:

“... Não, porque nois viu os outros aí, trabaiano de carroceiro, né? Aí, como nois tinha um dinheirinho no banco, nois falou pra ela: Mãe, compra uma carroça pra nois. Ela foi e comprou duas carroça e uns animal pra nois. Aí nois começou trabaiaí ... Ajuda, nois tira 40, 50 real por semana ...”

Experiência quase semelhante, Rafael Luis Camargo, 17 anos, solteiro, reside com a mãe e três irmão em casa alugada no bairro Santa Rosa-Udia-MG. Rafael nasceu em Araguari, mas veio morar em Uberlândia com sua família quando tinha 01 ano de idade. Seus pais são separados, a mãe trabalha em um hospital, exercendo alguma função na área de nutrição e seu pai é policial. Segundo ele, começou a trabalhar desde pequeno, vendendo picolé na rua. Aos quinze anos de idade, conheceu Seu Adejanir, (para quem trabalha catando papel) e a família deste. Rafael esclarece que trabalhou primeiramente com os filhos de Seu Adejanir, também catando papel e posteriormente é que foi trabalhar com ele, o que já faz 01 ano e alguns meses.

Posto isso, acredito ser interessante refletir acerca dessa experiência de Seu Adejanir, enquanto administrador, patrão de seu filho e de Rafael, que afirma ter neste um bom patrão. Rafael conta que tem toda liberdade para pegar a carroça e sair caso precise e sente-se muito à vontade para fazer o trabalho, só sendo cobrado quando deixa de cumprir seus deveres essenciais:

“...Hum, ele é gente fina, gente boa, né? Legal, né? Num enche muito meu saco. Igual, ele enche o saco, quando eu esqueço, paro de trabaiaí, que eu esqueço arriado na carroça, ele sempre guarda... Quando eu esqueço de levá os animal, ele enche o saco, mas fora disso, ele é gente boa, num fala mais nada pra mim. Agora mesmo, tô pegano a carroça e sai, ele num fala nada”.³⁸

Como resultado do contato que tive com esses trabalhadores, pude perceber que são de afetividade e respeito, as relações que se estabelecem entre Rafael e Seu Adejanir e sua família. Apesar das dificuldades decorrentes de seu trabalho, de transportar o papel do centro da cidade para o bairro onde mora o patrão, o difícil acesso ao centro, o trânsito tumultuado, os motoristas de carro e ônibus, enfim toda a dureza e agressividade tão peculiar ao espaço urbano em seu tão decantado crescimento e expansão, Rafael afirma gostar de seu trabalho. Por isso compreendo que, mesmo considerando os laços de amizade, a relação patrão/empregado, na experiência de Seu Adejanir e Rafael, se constitui de uma maneira diferente, um tanto quanto mais humana talvez, pois mesmo sendo empregado, Rafael não se sente controlado, pois realiza seu trabalho com relativa liberdade.

³⁸ Rafael Luis Camargo, 17 anos. Entrevista nº 13, realizada em 20 de Abril de 1997.

Seu José Moreira da Cunha,³⁹ residente em Uberlândia há 12 anos, trabalha há 8 anos como catador de papel. Mas desde os 12 anos de idade, atuou no área da construção civil, mesmo não tendo registro em carteira, como ele próprio explica:

“...Que na minha terra, num usava registrá ninguém. Eu vim vê carterá com registro foi depois que eu vim pra Valadares, que eu trabaiei na Companhia Acesita, aí que eu comecei trabaia registrado”.

Para Seu José M. o trabalho como catador de papel, adveio da presença do fantasma assustador desses tempos de crises permanentes, o desemprego, suas lembranças são pinceladas de um certo desânimo e tristeza:

“...O que (me) levou a catar papel foi o desemprego, né? Por causa que o Virgílio⁴⁰ pegô, teve um tempo aí que o Virgílio, então a gente punha a marmita na sacola e saia pra rua afora catano, caçano serviço, né? Aí num encontrava serviço, aí no mei da rua, a gente almoçava; quando era de tarde, a gente voltava pra casa sem nada. No ôtro dia, a mesma coisa. Aí eu resolvi catá papel”...

Bem como Seu José Moreira, a maioria dos trabalhadores entrevistados tiveram outras experiências de trabalho. Seu Benedito por exemplo, conta que trabalhou na construção do Canal São Simão por 5 anos, exerceu atividades na roça, “coí (colhi) arroz pá chuchu”, colhendo algodão numa região próxima a Cachoeira Dourada, somente quando sua saúde o deteve, foi que começou a coletar papel.

Contudo, a experiência desses trabalhadores ainda remete a outro aspecto por demais interessante: o modo como transitam pelo espaço da cidade, nos bairros, pelas ruas e grandes avenidas no centro é muito significativo. Do ponto de vista de que isso é um fato, que permite a esses catadores de papel um conhecimento e domínio maior do espaço urbano, assim como das relações que se estabelecem nesse mesmo espaço. De alguma maneira se fazem presentes na constituição dessas relações e no exercício de seu trabalho, como forma de sobrevivência, apresentam sua contribuição e possibilitam perceber de que maneira, a sociedade em que vivem, vem organizando-se. Essa questão será melhor explicitada, na conclusão desse trabalho.

³⁹José Moreira da Cunha, 49 anos. Entrevista n° 15 realizada em 29 de junho de 1997.

⁴⁰Virgílio Galassi, atual prefeito de Uberlândia (1997-2000), mas o entrevistado certamente refere-se às outras gestões do mesmo, este é o 3° mandato.

OUTROS ASPECTOS ALÉM DO TRABALHO

“... E é assim, minha vida é assim, trabaiano dia e noite, num tem domingo, num tem feriado, num tem dia santo ...”

(Antônio Pedro da Conceição)

Optei por organizar assim esse capítulo, acreditando que isso contribuiria no processo de refletir as experiências dos catadores de papel. Penso que, trabalhar todos os aspectos que extrapolem o tema **trabalho**, (religiosidade, lazer, educação ...) de forma conjunta, será melhor que separá-los e discutir cada um individualmente.

Em relação à **Educação**, os coletores de papel entrevistados, vão se apresentar como indivíduos que apresentam um baixo grau de escolaridade. Interessante, que ao menos quanto a esse aspecto, as experiências dos diferentes sujeitos apresentam algumas *semelhanças*.

O que alguns trabalhadores apontam ser a causa, da ausência de escolaridade, é muitas vezes o fato de terem crescido sem os pais, ou com estes, mas em condição de extrema pobreza. Sendo assim, o baixo nível de escolaridade, também é um fator responsável pela condição em vivem alguns trabalhadores:

“... Não estudei nada. Não sei de nada. Minha muié que sabe de alguma coisinha ... É adonde eu não arrumo emprego, porque eu não tenho estudo, viu? Porque hoje prá varrê rua tem que tê estudo, né?...”

Esse fator me levou a refletir, que grau de influência, isso exerce na educação que os catadores de papel irão idealizar para seus próprios filhos ou não, como mais comumente acontece. No caso de Cristiano, que aos 16 anos, ainda não sabe ler, por ter abandonado a escola quando criança e até o momento não ter retornado. Segundo ele, voltar à escola, para cursar a 1ª série do primeiro grau, junto com crianças pequenas, seria motivo de vergonha. Na verdade, isso se constitui em falta de informação, pois ele poderia cursar um supletivo para adultos, um curso noturno que lhe possibilitaria também, trabalhar durante o dia. Tudo leva a crer, que ele não se sente motivado, devido às dificuldades do dia-a-dia, a voltar para a escola.

Por outro lado, a pesquisa possibilitou o contato com o Wilton e seu irmão, que catam papel durante o dia e estudam à noite, fazem a 5ª e 8ª série respectivamente. Ao falar de seus estudos, Wilton⁴¹ demonstra prazer no ato de estudar e acredita que, de alguma forma, o estudo

⁴¹ Wilton José Fernandes Soares, 13 anos. Entrevista nº 10, realizada em 16 de maio de

lhe dará uma chance de profissionalização e de conseguir um emprego no futuro.

O caso de outros trabalhadores, na mesma faixa etária, vai se caracterizar pelo oposto. Éder e Alexandro, que vão definir a escola, como uma experiência no mínimo chata e sem importância. Quando vão para a escola, é porque se sentem cobrados, obrigados a ir, não porque queiram ou acreditem ter alguma serventia. Por outro lado, afirmam que a escola se constitui num espaço de lazer e socialização, pois ao contrário do que se poderia pensar, não se sentem discriminados por exercerem a função de catar papel.

Nesse sentido, compreendo que na experiência desses trabalhadores a escola, enquanto instituição, cumpre uma tarefa de excluir, uma vez que, sem elementos que possam “seduzi-los”, acaba por afastá-los do meio escolar. Tendo interrompido os estudos na 6ª série para poder trabalhar, Rafael⁴² fala que não gosta de estudar, mas contraditoriamente afirma que sua experiência na escola havia sido boa, até o momento em que foi expulso, como ele mesmo conta:

“...A professora, eu era muito bagunçento, aí a diretora me chamou e falou que ia me expulsar. Aí eu num fiz nada não, parei de estudar e até hoje, num voltei. Tem uns seis ano já, que eu parei de estudá.”

Surpreendentemente, Rafael afirma que pretende voltar a estudar, no próximo ano. O que ele coloca é que, precisa ao menos completar o 1º Grau, caso queira arranjar um trabalho melhor, quando ficar mais velho. Mesmo não gostando de estudar, ele reconhece a importância e a necessidade de voltar para a escola. Assim como uma parcela significativa da juventude brasileira, Rafael vê alguma perspectiva de melhoria nas condições de vida e de trabalho, via um maior grau de escolaridade.

Tratar a questão da educação no processo de investigação, provocou em alguns momentos certos embaraços. Foi interessante, mas foi também um choque, perceber que talvez por estar no meio acadêmico, atribuí excessiva importância à educação na experiência dos catadores de papel. E foi justamente isso que me embaraçou profundamente, quando ao entrevistar Seu Benedito, ele mostrou sua identidade para que eu pudesse ver nome completo e data de nascimento, afirmando nunca ter ido à escola, pois:

“...Ah, o povo do Norte, cê sabe. Lá, o povo do Norte, nem sabe o que é isso,... na roça, né? Nunca estudei, se tivesse estudado, eu tava notro ramo, né? (risos). Graças a Deus, corage de trabalhá, eu tenho, né?”

1996.

⁴²Rafael L. Camargo, 17 anos. Entrevista nº 13, realizada em 20 de abril de 1997.

Se por um lado, acredito ter valorizado por demais a educação e depois me decepcionado, pois ela não é algo que tenha fundamental importância para os trabalhadores. Por outro lado, É Seu Benedito mesmo quem afirma que, sua experiência poderia ter sido diferente, caso pudesse ter ido à escola. Não pretendo apontar a educação como a única solução para os problemas enfrentados pelos catadores de papel (ou mesmo, para os trabalhadores sem escolaridade em geral); e sei que a razão de minha indignação não está no fato de que, os trabalhadores não estudaram ou não ofereceram o que lhes foi negado aos próprios filhos, mas sim no que está por trás disso tudo, ou seja, o pano de fundo de uma situação real e concreta, o analfabetismo, como consequência da negligência social e irresponsabilidade do Estado.

Em relação à educação dos filhos, Seu Benedito diz:

“... Teve um que estudô, mas o oto num quis não, botava na escola, fugia, mas mode num estudá. E hoje eu digo: tá veno, se ocê tivesse estudado, ocê hoje era um oto home, mas num quis estudá, né? Mas, ah, uma micharia, assina o nome, né?”

É preciso considerar as dificuldades características de famílias pobres e carentes como a de Seu Benedito e tantos outros trabalhadores, em manter seus filhos na escola, desde a falta de estímulo até a carência de recursos financeiros, tudo são limitações. Porém há um elemento sobre o que pude refletir e com o qual me surpreendo. Com ou sem a educação, os catadores de papel, sujeitos dessa investigação, conseguiram sobreviver e garantir o mesmo em relação aos filhos e é isso, que acredito ser um exemplo de esforço e determinação. Além do mais, o Brasil ainda não é um país que valorize o esforço intelectual e a universidade não proporciona à maioria dos filhos de trabalhadores pobres, que nela ingressam, uma ascensão social e garantia de melhores condições de vida, como ocorre em países onde a distribuição de renda seja minimamente mais justa.

Para Seu José Moreira, as responsabilidades de ajudar no orçamento familiar também chegaram cedo, e é como ele justifica não ter estudado:

“... Só aprendi assiná meu nome, mais nada, assim mesmo com um colega. Eu desde idade de 7 ano que eu trabaio pá ajudá minha mãe. Num guentava trabaia, eu saía cortano vassora e vendeno, aquelas vassora de ... e vendeno pu povo limpá, fazê forno de biscoito. Aí num tive tempo de estudá, na minha terra tamém era...”

Não há muita diferença entre a experiência de Seu José Moreira e outros trabalhadores entrevistados, seus filhos estudaram um pouco mais que ele, mas ainda assim, um deles

trabalha com o pai:

“... Meus filho, só não quis estudar, porque não quis mesmo, porque eu pelejei, mas tudo sabe o nome. A fia (filha) estudou até na, acho que na 8ª”.

Sua esposa estudou um pouco mais, apesar dele não saber dizer exatamente o quanto. Mas, algo diferencia alguns trabalhadores, no que se refere à educação. Se Seu José Moreira nunca foi à escola, Seu João Batista o fez e tem boas lembranças desse período:

“... Estudei, mais num fiz conta de aprendê, o meu tempo foi perdido de estudo. Porque uma professora era Tia Maria de Lourdes, irmã da minha mãe, num tinha um pinga de medo dela! O dia que eu queria estudá e tudo... dava lição, o dia que não dava, ela me punha de castigo, eu ficava era brincando, eu gostava de brincar, né? E agora tá me fazendo farta! Mas o estudo meu, eu sei que era assim, era pôco, ia às 7, saía às 10h. E quando chegava, ia ajudá meu pai trabalhá. Meu pai toda vida, foi trabalhado também”.

Buscando problematizar acerca das alternativas de lazer desses trabalhadores, tentei conhecer melhor o cotidiano destes. Quando questionado acerca do que faz em seu tempo livre, Rafael fala que costuma ficar sentado na esquina, conversando com seus amigos, às vezes moradores do bairro e catadores de papel, gosta muito de assistir televisão, filmes de ação, comédia, karatê e terror, mas ele prefere os filmes de karatê, ficando perturbado, quando vê filmes de terror. Para Rafael os filmes que tanto gosta e assiste, conseguem distraí-lo, quando não há nada para fazer e alegrá-lo, quando se sente triste. Afirma não gostar de ler e diz sentir a cabeça “doer assim por dentro”, quando o faz. Dentre as formas de lazer, presentes em seu cotidiano Rafael menciona também seus passeios noturnos com os amigos. Possuem o hábito de irem aos fins de semana, a lugares onde possam dançar, beber, namorar e conversar à vontade.

Quanto ao aspecto *Religiosidade*, os trabalhadores vão apresentar uma grande heterogeneidade. É surpreendente, a maneira como “passeiam” de uma religião para outra, revelando a constante busca de uma *prática religiosa* que os satisfaçam. Percebe-se também por parte desses trabalhadores, uma consciência de que as religiões, quaisquer que sejam “não trazem verdades absolutas ou a certeza de salvação eterna”. Seu Antônio frequenta a Igreja Congregação Cristã do Brasil, onde foi e batizado e também casou-se, ao falar de sua inserção nesta, revela em que medida isso, transformou suas práticas cotidianas e possivelmente seus valores:

“... Nois é, eu sou crente e ela também. Ela é, ainda tem o vício, que ela batizô e fuma intê hoje, eu larguei, graças a Deus. Eu num bebo cachaça, num bebo nada de álcool, num pito. Bom, coisa errada assim, quais num faço nada, pelo menos. Ela inda tem, mais nois é crente.”

Para Dona Maria, a prática religiosa assume um caráter significativo, uma vez que a Igreja para ela é também, um espaço onde estabelece relações de amizade, participa de grupos de oração, de atividades beneficentes, etc. A maneira efusiva como se expressa ao falar da Igreja, me levou a pensar se a religião não desempenharia a função de levá-la a “esquecer-se” dos problemas do cotidiano. Por outro lado, acredito que a prática religiosa, uma vez incorporada ao dia-a-dia, torna-se também um elemento da realidade. Para essa trabalhadora, a participação na igreja tem um sentido especial:

“ ... É uma amizade maravilhosa, a pessoa chega, saúda o outro com a paz do Senhor, né? Chega na Igreja, droba o joelho, ora ao Senhor, né? Depois levanta, lê um versículo, lê a palavra do Senhor”.

Mas nem todos os trabalhadores são praticantes convictos de uma ou outra religião. Alguns vão se definir como católicos, mesmo sem uma participação efetiva. Seu Adejanir afirma ter deixado de freqüentar a missa aos domingos, pelo fato de que, certa vez na Igreja, lhe pediram alguns alimentos. Ele afirma ter ficado decepcionado, pois achou isso muito incoerente:

“ ... Eu achava que aquilo, num sei não, Deus me perdoa, de tá julgano. Mas eu achava que aquilo era pra eles, né?! Ainda falei assim: Eu nunca vi santo comer feijão, nem arroz, nem óleo. Digo: Dô o dinheiro, assim todo fim de mês. Dô que ajuda a Igreja, assim, comprá uma vela, comprá um, fazê a limpeza, aí tá certo. Mas, negócio deu tirá negócio de dentro de casa, deu comê pá dá pá igreja, isso eu num faço não”.

A fala de Seu Adejanir revela uma suspeita de que ele possivelmente estivesse sendo explorado na igreja, ou não, mas o fato é que, ao se deparar em uma situação semelhante, ao invés de submeter, afasta-se revoltado.

De qualquer maneira, os catadores de papel entrevistados vão se apresentar como pessoas muito crentes, do ponto de vista da fé. Ao falarem de Deus, demonstram uma grande crença. Mas, esse não é um fator que possa realmente surpreender. No geral, as pessoas sempre afirmam acreditar em Deus.

Através da fala de alguns trabalhadores, pude perceber ainda, que estes pensam ser, causa das desigualdades sociais, a vontade de Deus. Considero que isso tem como consequência uma certa *passividade* diante das condições de pobreza e de sofrimento em que vivem:

“ ... Não, isso aí já num é cô nois. Isso aí só pertence a Jesus. E se nois fosse tudo rico, nois num prestava. Se nois fosse tudo pobre. Daí então, tem o miozinho pá eu trabaiá pra ele, isso aí eu compreendo, né? Hum! É rico, nois tem que trabaiá pra ele, né?”

Diante disso, compreendo que para esse trabalhador, as injustiças sociais presentes em nossa sociedade se configuram como “naturais”, ou melhor, como uma situação definida, de tal forma que não cabe ou não é possível aos indivíduos transformá-la.

Não, minha fia, isso aí, eu vô te falá, o pobre não é pobre. Eu acho que o rico é aquele que já nasceu no berço de ouro, mas ele que os antepassado foi fazeno, foi tomano as terra e fazeno, fazeno..., que nesse mundo aqui ninguém tem terra. Deus dexô a terra pra todo mundo, mas os antepassado tomaro! Agora esse ficô rico, os ôto ficô pobre. Por que eu num... pobre é aquele, pobre de espírito, que num tem corage pra nada. A gente considera pobre é porque num tem corage pra nada! Então num tem espírito, cê entendeu? Porque eu, graças a Deus, eu vivo nessa luta aí, sofreno aí nesse negócio de catá papel pá rua afora, mas vô no Butelão, brigo com Hélio, pêle aumentá, ele num aumenta, mais eu tô com saúde, tem meus fio que me ajuda a trabaiá.⁴³

... Porque se fosse tudo pobre, como é que vivia? E se fosse tudo rico, como é que vivia? O rico ia trabaiá pros otro? Num tem jeito, mia fia! O que tem que tê é o pobre e o rico, poque Deus já deixou marcado assim, né? Que fosse tudo rico, rico com rico, só rico, tudo rico? Como é que os otro e como é que eles ia, o rico ia trabaiá pu rico, né? Porque o pobre precisa e o rico num precisa. Rico vai trabaiá pá otro rico? Num vai! É rico poque Deus deu a ele quantidade pá ele enricá. E o pobre ficô pobre pá sê pobre mermo.⁴⁴

Outros trabalhadores vão afirmar que, freqüentar assiduamente uma determinada igreja, consiste em uma tarefa difícil, pois a maioria delas, estabelecem certas restrições, que se constituem em obrigações desagradáveis de serem cumpridas:

“... Eu já frequentei a igreja deles quase tudo, a Assembléia, a de Jesus Cristo, eles tudo, eu já fui na Igreja, a de Jesus Cristo, eles tudo, eu já fui na Igreja deles ... Num entra nas minhas idéias, né? ... Tem uma coisa, que religião num salva ninguém ... Eu acho que o que salva, sabe? ... É o bom coração da pessoa...”

As restrições estabelecidas por algumas igrejas, mencionadas por alguns trabalhadores, consiste na proibição de atos como o de fumar ou ingerir bebidas alcóolicas:

“Assembléia, agora deve tá com seis meis que voltei de novo pá Igreja, que eu desviei, né? Agora voltei de novo. Não... Num pode querê os dois, tem que sê um só.”⁴⁵

Pratico, qué dizê, agora por enquanto minha religião, eu tô afastado, inclusive eu gosto muito de assisti a palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo, entendê um poco. Já fui católico, já fui crente, tô afastado de tudo, mas num dêxo, sempre na hora de eu deitá, na hora de eu sentá, fazê o que é preciso, minha oração, meu anjo da guarda, pá me guardá, porque hoje cê vê, a gente veve labutano, tem muita tribulação que às veiz num é do gosto da gente, mais a gente desvia, né?⁴⁶

Ao serem abordados acerca de suas *relações no bairro onde moram*, os sujeitos

⁴³ José Moreira da Cunha, 49 anos. Entrevista nº 15, realizada em 29 de junho de 1997.

⁴⁴ Benedito F. Queiroz, 75 anos. Entrevista nº 14, realizada em 27 de abril de 1997.

⁴⁵ José M. da Cunha, 49 anos...

⁴⁶ João Batista do Nascimento, 58 anos. Entrevista nº 17, realizada em 06 de julho de 1997.

Ao serem abordados acerca de suas *relações no bairro onde moram*, os sujeitos entrevistados afirmam serem estas muito tranquilas. Mas, essa “tranquilidade” tem algumas nuances. Certos trabalhadores terão pequenos conflitos com os moradores vizinhos, por causa do papel acumulado no quintal, as carroças e animais. A reclamação se fundamenta no fato de que, o cheiro da urina dos cavalos, é muito desagradável, assim como o papel e a sujeira que possa trazer:

... Nois limpa tudo, sabe? Qualqué um lixo. As muié aí da rua, quase num barre a nossa porta. Que nois cabou, nois barre tudo. Comparação: Chegou uma viage de papel, nois limpa tudo, deixa tudo limpin. Tem uns tamborzão, nois junta tudo, num deixa sujeira não. Também o papel é limpo, num vem. O papel que a gente pega, é só nas loja, sabe? Só é caixa, papelão somente, num tem nada não. Cê pode ir ali, no meio ali, cê num vê um rato, num vê uma barata aí. Ele dá! Agora, se você deixar ele muito tempo amontoado aí ... Mas, de 8 em 8 dia, num tem não ...

Diante desses pequenos conflitos com alguns moradores vizinhos e na expectativa de resolvê-los, Seu Adejanir anseia por uma solução, que ele acredita que seria cercar todo o seu terreno: “... então, vô vê se daqui pu fim do ano, eu muro isso tudo aqui”. Morador do Conjunto Liberdade, há mais de 20 anos, ele afirma possuir muitos amigos, catadores de papel ou não. O quintal de sua casa, além de servir como depósito de papel, é o local onde quase todo final de semana, esse trabalhador se reúne com seus amigos para o jogo de truco. Ao falar disso, revela imensa satisfação e até mesmo um pouco de orgulho.

Outros trabalhadores com os quais pude estar em contato, não se mostraram tão satisfeitos com a vida e as condições de lazer oportunas. Para Seu Antônio, todo dia é dia de trabalho e não há tempo para o ócio e o prazer.

“... E é assim, minha vida é assim, trabaiamo dia e noite, num tem domingo, num tem feriado, num tem dia santo. Todo mundo passeia, eu não. Meu passeio é o trabaia”.

Quando narra acerca das dificuldades características do seu cotidiano, esse trabalhador, realmente não se mostra muito animado. Provavelmente o fato de residir em dois cômodos, nos fundos da casa de sua enteada, não o permite sentir-se muito à vontade, consistindo até mesmo em um empecilho para que este trave relações de amizade com os moradores vizinhos. O fato de trabalhar todos os dias, de cedo até a noite também não lhe possibilita tempo para tal coisa.

No que se refere a Seu José Moreira, o escasso tempo de descanso é momento para a oração e o diálogo com os companheiros de trabalho e vizinhos:

No momento que eu vô descansá? Eu vô pra dento do meu quarto, vô orá. A hora que eu num tô orano, eu vem aqui, misturado aqui nesses lixo, sento aqui nesse lugazim, fico aqui. Aqui é o lugá de

nois, nosso lazê é aqui, ... é esse pedacim aqui! Que nois num tem lazê. Um banho aqui no corrêgo aqui, nois num pode tomá, porque o corrêgo tá todo infetado. Se o Zaire Rezende tivesse ganhado, eu acho que nois ia tê esse corrêgo desinfetado, mas o Virgílio⁴⁷, num conto com ele não, que o Virgílio fez muita promessa pra nois aqui, na outra eleição.... que ele foi candidato e nada! Nada foi feito! Acho que... num tem condições não. Porque até dá um lazê aqui, esse corrêgo aí tivesse limpim, aí eu podia fazê uma represinha, dava pra gente tomá um banho e a família juntá aí, brincá as criança... ficá todo mundo aí.... Eles fizeram aí, só pá começá a política, mas tá tudo rebentado aí.⁴⁸

Realmente uma das alternativas de lazer desse trabalhador, consiste numa prática um tanto incomum. Costumam reunir-se em frente à casa de Seu Wilson, no bairro Lagoinha, sentados próximo ao papel acumulado, onde conversam horas a fio, durante toda a tarde, aos domingos. Falam sobre os problemas da vida, do cotidiano, do trabalho ou mesmo do bairro. E o bairro Lagoinha, segundo os trabalhadores, é realmente um local difícil para se residir. Enfrentam sérios problemas como a violência, a falta de segurança e até mesmo as drogas, em consequência da delinquência juvenil, constituindo-se em sérios problemas para os trabalhadores:

“Se eu pudesse mudá, cê fala aqui no meu bairro? Ah, eu tinha vontade de mudá, se eu pudesse, eu tinha vontade de acabá com essa droga aqui, essa maconha, o crack. Esse povo desobediente, que veve encheno aí tudo, dessas porcariada aí, que nem a prefeitura num dá volta nisso aí ó, ninguém consegue mudá isso aí. Eu tinha vontade, se eu pudesse, mas num posso!”⁴⁹

Seu João Batista, pai de 3 filhos, viúvo há seis meses, a companhia e a amizade dos vizinhos tem sido fundamental para ajudá-lo a superar a solidão e a angústia. Ao falar da esposa, afirma sentir muito sua falta. Certamente o fato de que ele não tem contato com os pais e os irmãos há muito tempo, também o entristece:

“...Sonho? Tem...meu pai, pá minha mãe, nem notícia deles tudo! Meus irmão, nós somo 6 irmão home. Partiu minha muié, tem só eu e os filho que me oia. Eu sô um home muito sentimental... mais tento conformá com a vontade, Deus qué assim, né?”⁵⁰

Já Seu Benedito não se conforma dessa maneira e anseia poder voltar ao Norte a fim de rever a família, o que o impede é a falta de recursos financeiros:

Às vez tem hora que me dá vontade de avisá, às vez tá pensano que eu já morri tamém (risos). Que tem muitos ano... Ah, mode essa muié. Que a muié é de lá, só fica chorano: “É, minha mãe, minha família, eu quero imhora”. Se eu vendesse, eu ia imhora mesmo pra lá. Meu único recurso que tem de í imhora, pá pagá passage é a casa, né? Outa coisa num tem. Tem essa égua, que vendê tamém...120 real. Chegá lá, aposentava ela, né? Miorava mais um poco... Tem hora que eu penso assim: Cê larga de sê bobo, fica quieto, vai pu Norte, depois... Às vez tem hora que ela diz: “Ah, vamo”. Tem hora que volta

⁴⁷ Virgílio Galassi, atual prefeito de Uberlândia (1997-2000).

⁴⁸ José M. da Cunha...

⁴⁹ Idem

⁵⁰ João Batista do Nascimento...

pra traiz: “Meu véi, fica quieto, deixa nois, que no Norte tá muito ruim, aqui é muito bão, o povo aqui é caridoso...”

E é nessa angústia de quem não sabe se vai ou se fica, pois para ambas as alternativas, as dificuldades são grandes, que Seu Benedito leva a vida junto com a esposa, filhos e netos. Por vezes, revolta-se com problemas cotidianos do bairro, os quais justifica da seguinte maneira:

“Num mudô nada, que aqui tudo é pobre. Aqui num tem nenhum rico, tudo é pobre! Se miorou? Não, aqui num miorou nada, nois já pelejô pá fazê esse asfalto aí, num fizeram. Pelejô com a prefeitura, que se o Zaire tivesse ganhado, podia tê saído, porque ... Mas com o Virgílio⁵¹, num sai nada não, Virgílio só ajuda os rico! Ele num vai fazê aqui, se tivesse ao meno uns dois rico aqui, isso aí tinha feito, esse asfalto tinha descido só ó, até ali!”⁵²

Para os catadores de papel mais jovens, como Alexandro, Éder e Wilton, o fato de que catam papel, ao contrário do que se poderia pensar, não se configura enquanto motivo de *discriminação*, por parte da maioria das pessoas com as quais eles convivem. No bairro onde moram, também possuem muitos amigos, com os quais saem às vezes, em alguns finais de semana. Uma outra alternativa de diversão desses trabalhadores, é o jogo de futebol com os amigos do bairro, no final de semana.

Para Dona Maria, ir para a igreja é mais que uma obrigação religiosa, consiste também numa *alternativa de lazer*. Possivelmente, ela não pensa e nem afirmaria isso, mas considerando o seu depoimento, acerca de sua participação nos eventos da igreja, percebi a dimensão que assumiu na vida dela, a *prática religiosa*. O culto, as reuniões na igreja são uma oportunidade de socialização, distração e lazer. Por ser uma pessoa aparentemente calma e tranqüila, Dona Maria afirma não ter problemas com os vizinhos, sendo que estes são pessoas muito boas.

Outros trabalhadores possuem uma experiência semelhante. Sendo que os vizinhos são mais que bons vizinhos, são pessoas com as quais se pode contar com a ajuda nos momentos difíceis e de quem se pode esperar *companheirismo e solidariedade*.

... Os vizinhos aí tudo são meus amigos. Tudo, daqui, da onde eu morei, tudo são amigo meu ... É uma amizade boa. Nois brinca, caçoa. Precisa de um favor, eles me faiz, tudo. Quando eu adoeci, esse de frente aí tem carro, o Hélio, tem carro, me levou na Medicina. Às vezes que eu num tinha dinheiro, comprá um remédio, aviava a receita, eles comprava pra mim, depois eu pagava. São muito boa, eu num tem nada a dizê deles. São pessoas que ajuda nois demais da conta.

⁵¹ Virgílio Galassi, atual prefeito de Uberlândia (1997-2000).

⁵² Benedito F. Queiroz, 75 anos...

Portanto, mesmo estando descontentes com a vida, decepcionados com a forma como se tem conduzido a política na cidade e no país, os catadores de papel, vão enfrentado a luta diária, com a cara e a coragem, buscando no dia-a-dia *forças para o trabalho e sentido para a vida*.

... O país é bom, só o povo é que num sabe agi direito ... Só vale aqui, quem tem muito dinheiro. Quem tem vale! Mas, quem é pobre num tem valor de jeito nenhum. Veve de teimoso, mas que tem valor, num tem nada. Cê vê, contá pra você, eu com 60 ano, eu tô com 60 ano. O tanto que já trabaiei, sô cansado, tô arreventado de trabaia, eu num posso aposentá. Eu num sirvo pra empregado, num valo mais nada pá ninguém, né? Como é que eu vô vivê? Como é que eu vô comê, né? Vê se um pobre aqui, tem valor! Num tem não.

A Associação dos Catadores de Papel: Uma proposta

Ao longo do processo de investigação soube da existência de um projeto de se formar em Uberlândia, uma associação dos coletores de papel, mas isso não se concretizou efetivamente. A entidade responsável era a APR, que segundo o Jornal "Correio":

" ... Levados pela realidade dos catadores, a Animação Pastoral Social do Meio Rural (APSMR) resolveu, em 1994, integrar os vários grupos, compostos em grande parte de aposentados por acidente de trabalho, e propôs a criação de uma associação. Nela, o próprio catador prensaria o papel e o revenderia. O projeto, por inúmeros motivos, não foi viabilizado, diferentemente do que ocorre em Belo Horizonte".

Realmente em Belo Horizonte a Associação dos catadores de papel saiu do projeto para se concretizar em um benefício (dos) para os trabalhadores. Segundo o jornal Folha de São Paulo:

...Uma associação de Belo Horizonte que faz a coleta seletiva do lixo em associação com a prefeitura, empresas e condomínios. A experiência tem dez anos e não é a única do país. Em Porto Alegre, 267 pessoas trabalham no programa de reciclagem de lixo implantado pela prefeitura. A Asmare (Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável) de Belo Horizonte. A Asmare organizou 210 catadores. Eles continuam catando papelão, alumínio e vidro nas ruas. O pulo do gato é que agora podem vender o material que vem da coleta seletiva. Com caminhões da prefeitura, eles pegam vidros, latas e plásticos, fazem uma segunda triagem e vendem...⁵³

As assembleias, assim como as reuniões e atividades realizadas pela APR em Uberlândia, junto aos coletores de papel, tinham também um caráter de afetividade, que possibilitasse a integração entre os trabalhadores. Pois isso era importante, no sentido de que estes pudessem compreender o sentido da proposta. Nesse processo de discussão, a APSMR

⁵³ Jornal Folha de São Paulo. Edição de 14 de Dezembro de 1997. Caderno Cotidiano, p.5.

também envolveu outros segmentos da sociedade, “a comunidade eclesial, vereadores e sindicatos”. Este último, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Uberlândia (STIAU), bem como o sindicato patronal, o Sindicato das Indústrias de Alimentação de Uberlândia, ambos dispostos a contribuir, propuseram doar um dia de serviço, na data base da categoria, para a causa dos papeleiros. Uma vez sendo doada, a verba possibilitaria a compra de todos os recursos necessários para a estrutura técnica da associação.

Contudo, a associação dos catadores de papel não foi fundada em Uberlândia. O que aconteceu de fato, é que a entidade acreditava que por mais importante que fosse a estrutura, era preciso que primeiro os catadores de papel se organizassem, e isso exigiria todo um processo, que delongaria tempo, discussão, maturidade. Uma condição imposta pelos sindicatos, principalmente pelo sindicato das indústrias, segundo um membro da APR, era que a verba seria repassada, mas a coordenação da associação teria que ser uma responsabilidade dos papeleiros. Daí então, como a entidade não achou viável conduzir assim, a possibilidade da associação vir a se constituir naquele momento deixou de existir. Na verdade, a APSMR acreditava que, com “todas as peculiaridades desse segmento, que se constitui os catadores de papel, seria complicado montar a associação, devido à responsabilidade que isso iria exigir”...

A partir disso então, busquei entender como os trabalhadores que participaram das discussões, compreenderam a proposta da associação.

... Esse negócio de associação aí, eles vieram aqui umas treiz veiz, sabe? E falaram que iam pô uma associação. Aí eu falei pra eles: Ó, se oéis fô fazê isso mesmo, quando oéis organizá tudo, vocês me procura, que aí eu me encaixo. Mas, enquanto num organizá tudo, que eu vê que tá tudo organizado, num posso... Num posso largá o rapaz que eu vendo, que às veiz, num dá certo ... E no dia, que voeis organizá tudo, oéis vem que aí, é outra coisa. Nois vamo trabaia junto.⁵⁴

Pelo depoimento dado, acredito que esse trabalhador, não tenha compreendido a proposta da associação, nos moldes apresentados por um de seus membros numa entrevista. Também percebo, que ele não se sentia integrado, de forma a pensar-se enquanto parte constitutiva do grupo que viria a formar a associação. Ao contrário, acreditava que esta poderia “ficar pronta” e viria a ser uma intermediária, no processo de compra e venda do papel. E sendo assim, não contribuiria em nada, na transformação das relações de exploração, que se estabelecem entre empresários compradores de papel e os catadores.

⁵⁴ Adejanir Luciano, 51 anos. Entrevista nº 9, realizada em 12 de maio de 1996.

preço de lá. Eu recebia aquele preço da fábrica. Ai se tinha 10, se mandasse o caminhão. Se mandasse uns 20 mil kg, ou 10 mil, outro mandasse 5 mil. Então vinha aquele dinheiro, aquela quantidade... Num sei como é que ia sê o sistema deles, ia fazê, né? Então nois já ia trabaia pá vendê já direto. E nois que ia fazê o serviço. Prensá, fazê tudo. Ai eu digo: Ah, eu acho que voceis num vão arrumá isso não. Vai sê difícil demais...⁵⁵

Por outro lado, penso que, mesmo da forma como Seu Adejanir descreve a associação, esta viria a facilitar, em alguns aspectos, a vida dos papaleiros. Pois trabalhadores, que não participaram das discussões e talvez jamais ouviram falar na associação, imaginam algumas coisas, que possivelmente facilitariam o trabalho destes:

... Tivesse um, uma prensa aí, a gente podia i puxá papelão ou rumá uma balança, comprá dos outros... Rumá um dinheirinho aí... Comprá dos outros, ir imprensando, né? Quando tivesse aí um caminhão, chamava um caminhão, porque eu num levo. Era um dinheiro bão... Vendê po Butelão, ele tira a metade... Ele sempre tira mesmo. Começou como nois, ele é hoje, ele tá tão sabido, o desgraçado, que só tem comprador, ele. Ele agora de aumentá o preço, ele abaixou! ... Que é a gente? Tem que vendê pra ele mesmo... Num tem otro concorrente; otro que compra junto com ele, se tivesse né? ...⁵⁶

Diante disso e de tudo que pude perceber ao longo desse período, em que estive em contato com esse grupo de trabalhadores, me surpreende o fato da associação não ter se constituído. O que esta poderia oferecer, em termos de mudanças, que viriam a facilitar a vida dos catadores de papel seria por demais interessante. Mas é possível também que o fato de ter sido da APR, a iniciativa de organizar os trabalhadores, seja significativa, isto é, a proposta da associação dos coletores de papel se constituiu como algo externo aos próprios trabalhadores. É preciso considerar que a heterogeneidade existente na categoria como um todo, também tenha sido um fator de entrave. Compreendo que, devido às diferenças presentes entre os trabalhadores, tornou-se difícil a organização de interesses comuns, motivando a constituição de um projeto coletivo. Penso que, possivelmente, quando os próprios trabalhadores perceberem e acreditarem na importância de uma associação, esta poderá se concretizar. Isso me faz pensar ainda, o quanto é específica essa categoria e mais ainda, que talvez seja preciso encararmos o fato de que, nossos velhos moldes de “organização” dos trabalhadores precisam ser revistos urgentemente.

De qualquer forma, penso que o “movimento” em torno da proposta da associação, foi algo importante para os trabalhadores que participaram, na medida em que isso possibilitou um espaço para o diálogo, a socialização, a percepção e reafirmação de determinados valores.

⁵⁵ Idem

⁵⁶ Antônio Pedro da Conceição, 58 anos. Entrevista nº 1, realizada em 31 de outubro de 1995.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Após o término da apresentação de alguns resultados da pesquisa, acredito que seja importante, pontuar também algumas questões que carecem de maior aprofundamento. A investigação acerca dos catadores de papel em Uberlândia, possibilitou a percepção da heterogeneidade presente na categoria: homens, mulheres, velhos e crianças. Segundo uma reportagem do Jornal "Correio", existem cerca de 2.500 catadores de papel residentes na cidade.

Esses trabalhadores vão se apresentar enquanto indivíduos, numa luta constante pela sobrevivência e por melhores condições de vida. São pessoas que não permanecem passivas e inertes, porque mesmo com todas as dificuldades que enfrentam. Dentre estas, o trânsito conturbado, o controle fiscal, o preconceito e a discriminação. Mas com tudo isso, ainda insistem em continuarem presentes pelas ruas, nos bairros ou no centro da cidade, realizando o seu trabalho, da maneira que lhes seja possível.

Outro aspecto que a pesquisa possibilitou perceber, é o conhecimento que os catadores de papel, detêm da necessidade de uma política ambiental, de reaproveitamento dos materiais recolhidos por eles (papel, plástico, alumínio, etc) e também de conservação e limpeza da cidade. Existe por parte desses trabalhadores, *um saber* de que o material que recolhem é algo que é jogado fora pelas pessoas, mas que pode ser reaproveitado. Sabem que participam de forma efetiva desse processo e oferecem uma contribuição significativa:

"... Falei pra ele: Lixo não! Falei na cara dele; isso aqui não é lixo não sr. Lixo aqui é o papel higiênico, o carbono, essas buxas de laranja, que num presta, isso é que é lixo! Num aceito o sr. vim chamá isso aqui de lixo não, certo? Eu queimei com ele; Isso aqui num é lixo não. Lixo é isso aí ó : Isso aqui é lixo: buxa de laranja, papel higiênico, mas tá tudo separado, dentro do saco aí, isso aí eu num ponho a mão! Isso aí, lixo que eu sei, é isso. Mas, isso aqui num é não ..."57

... É o seguinte: Tem muitos que joga papel na rua, né? Que eu pego o papel assim; se tivê uma caixa, se tivê papel fino no meio, eu trago tudo. Chega aqui, que eu separo, né? Eu acho que tô fazeno uma limpeza. Eu pra mim, eu sô um empregado da prefeitura, sem ganhá nada. Eu acho! Por mim, né? Sô um empregado da prefeitura, eu tô fazeno uma limpeza, né? Eu agora ainda tem aborrecimento! Aquilo ali, eu tô fazeno duas coisa: Eu tô limpando a cidade, tô ajudando o Brasil aqui a fazê, o ... Os papel, se for deixá aí, vai po lixo, vai virá terra, né? Vai valê nada. Caba tudo lá. Então ali tá aproveitando, tá certo? Pega aquele papel, que tá estragado, vai pa fábrica, volta tudo novim de novo. Acho que eu tô ajudando muita coisa na minha vida, né? No meu pensar, acho que eu tô ajudando muita coisa. Mas, tem muita gente que num vê isso...58

⁵⁷ Adejanir Luciano, 51 anos...

⁵⁸ Idem.

A partir disso, comecei a pensar, se a intervenção dos catadores de papel na cidade, não se faria presente também no exercício de seu trabalho. Na verdade, os coletores de papel configuram uma categoria de trabalhadores dotada de muita especificidade. São marginalizados pela historiografia local, que não considera importante o registro de suas experiências, sua história. E a sociedade tenta excluí-los de diversas maneiras, talvez porque sobrevivam em constantes dificuldades, em péssimas condições de vida, trabalho, saúde e moradia. Considero ainda que os catadores de papel, ao residirem nos bairros periféricos da cidade, lidam com todos os problemas característicos, de se morar em locais assim, geralmente carentes de um mínimo de infra-estrutura. Mas por outro lado, entendo que *esses trabalhadores são parte constitutiva da sociedade* e, possuem um papel, um lugar, de acordo com a maneira como essa mesma sociedade tem se organizado.

É justamente aí que percebo a “resistência” desses trabalhadores. Se por um lado, são “expulsos” do centro da cidade, para os bairros periféricos mais distantes possíveis, devido às suas condições sócio-econômicas e também em decorrência da excessiva especulação imobiliária. Por outro lado, se estabelece uma tentativa de expulsá-los novamente do centro da cidade, no momento em que estão realizando o seu trabalho. O controle fiscal, o trânsito violento, também são formas de alijá-los daquele espaço. Mas, eles insistem e persistem, afirmando que precisam estar ali, pois daquilo dependem para sobreviver:

“... E outro pra baixo ali, eu vou juntano e pondo num lugá. Quando é 6:30h, 7:00h, é que eu desço pro outro centro, né? É mais fácil, sabe? Eu até acho melhor, porque num fica rodano no centro de carroça. Eu sei que atrapalha, mas a gente veve é disso ...”

No que diz respeito ao preconceito e a discriminação existente, em relação a eles, os catadores de papel entrevistados afirmam não darem importância. Segundo eles, estão tranquilos, pois fazem o trabalho e não se importam com o que as pessoas, ao vê-los na rua, possa dizer ou pensar, confessam muitas vezes terem sido agredidos verbalmente e admitem que constantemente são tratados com indiferença. Com isso, entendo que dizer que não se incomoda com o preconceito é uma forma de defender-se do mesmo.

Nesse sentido, os trabalhadores entrevistados vão assumir algumas atitudes que, compreendo como uma resposta à discriminação. Dentre essas atitudes, percebo que há por parte dos trabalhadores, uma necessidade de se reafirmarem enquanto tais:

“Trabaiiei muita roça, depois que o governo deu aquela arta do gado, tava na roça trabaino, coí (colhi) arroz pá chuchu! Eu trabaiava, toda vida fui trabaiadô!”⁵⁹

⁵⁹Benedito F. Queiroz, 75 anos. Entrevista n° 14, realizada em 27 de abril de 1997.

Ah, eu já trabaiei em muito serviço, inclusive minha carterá é do Ceará. Eu fui trabaiaador dessa fábrica de tecido, né?... Também já mexi com fábrica de engenho, com laçá boi, cavalo, gosto até hoje, tô vêi e gost, tempo que eu amansava animal e eu sempre gosto. Mas, agora que eu tô com o ramo do papel, eu já desenvolvi aqui em Udia. Já toquei lavôra muito, já mexi com engenho, casa de boi. Tem umas coisa aí que a gente até gosta, tem outras que a gente quais num gosta. Mas a gente tem que trabalhar, precisa ganhá o dinheiro da gente, né?⁶⁰

Verdade seja dita, precisa-se trabalhar a fim de sobreviver mas, para além disso, compreendo que para os catadores de papel, se afirmar enquanto trabalhador demarca e diferencia. Ao estabelecer que se é trabalhador, se nega uma possível definição de vagabundo, mendigo, marginal ou qualquer outra coisa. Tais denominações combinam com a imagem que algumas pessoas possam ter do catador de papel, a figura de um sujeito sujo, jovem ou velho, mas sempre maltrapilho, fatigado, com aspecto cansado, andando pelas ruas, à procura de (lixo?) papel. Penso que é dessa a imagem que os trabalhadores querem e tentam se defender, buscam acrescentar à ela um outro elemento, a dignidade, característica de quem a cada dia de sobrevivência, trava uma verdadeira batalha. Mas essa é uma questão que precisa ser melhor investigada.

Um outro aspecto que carece muita atenção, na pesquisa é a violência. A partir do conteúdo das entrevistas realizadas, eu considero que a violência é algo que se configura de uma maneira intensa na vida dos catadores de papel. Porque isso? Porque eles vivenciam tal violência em diversos aspectos de sua experiência. Por exemplo: No trabalho, quando recolhem o papel no centro da cidade e são agredidos verbalmente pelos motoristas de carro, de ônibus. Os fiscais da prefeitura que os repreendem, pois há uma preocupação por parte da administração municipal de tirá-los do centro da cidade nos horários de muito movimento.

Com esse objetivo, o secretário municipal de serviços urbanos, Antônio Carrijo, elaborou um projeto de lei, que se aprovado exigirá que todos os carroceiros emplaquem suas carroças, o que atingirá diretamente os catadores de papel que se utilizam de carroça, no exercício de seu trabalho. Segundo o secretário o projeto beneficiará os trabalhadores, pois irá regulamentar a profissão e a atividade de carroceiro, com isso esses trabalhadores poderiam pagar INSS e aposentar. Para ele, o projeto beneficiará também a população pois possibilitará que esta, identifique os trabalhadores que sujam a cidade, jogando o entulho que carregam em locais impróprios. O secretário considera que o fato das carroças estarem emplacadas, facilitará para que a população denuncie os "sujões".⁶¹

⁶⁰ João Batista do Nascimento, 58 anos. Entrevista nº 17, realizada em 6 de julho de 1997.

⁶¹ Jornal "Correio" Edição de 25 de Março de 1997, p.9.

Por outro lado, os trabalhadores colocam que a prefeitura não coloca um número satisfatório de centrais de entulhos para que joguem o material que, por vezes transportam. E afirmam ainda que, irão continuar circulando pelo centro da cidade, pois precisam recolher o papel, que ali encontram em maior quantidade, devido às várias lojas existentes no centro da cidade. É importante colocar que alguns catadores de papel, quando a coleta de papel está muito ruim, fazem serviços esporadicamente como carroceiros, transportando entulhos, fazendo carretos, etc.

Não deixa de se constituir em violência também, a indiferença da população, que chega ser às vezes até mesmo agressiva em relação à presença dos coletores de papel no espaço público. Embora os trabalhadores entrevistados não usem essa denominação, ao abordarem sobre o que lhes desagrada na cidade, sempre remontam à questão da marginalidade. Ao falarem da realidade do dia-a-dia nos bairros em que moram, o que muito os incomoda é o fato de que, não podem sair e deixar suas casas sozinhas, pois são assaltadas. Também precisam estarem atentos para que os animais que cuidam (patos, galinhas, porcos) não sejam roubados. Afirmam sentirem-se tolhidos e ameaçados em suas próprias casas e não podem ser agressivos, pois acreditam que a reprimenda, certamente viria. Quem exprime com clareza o jogo de cintura que se deve ter nessa angustiante situação é o próprio Rafael:

“Não, minha vida é calma. Eu num sô muito caçador de briga. Eu tem muito moral, tem muito colega. Gosto muito de fazê mais é amizade, né? Eu fazeno amizade, em qualqué lugá que eu for, eu já conheço muita gente. Por isso que eu gosto de tá fazeno amizade com todo mundo. Cê tem que tê amizade muito com cara malandro, porque se num tivê amizade, eles vai e te mata. E cê teno amizade. _ Bão? _ Bão! Só cumprimenta mesmo e sai de perto. Num fica nem perto.”⁶²

Falar acerca disso, fez com que ele pudesse refletir melhor sobre a violência e a maneira como esta influencia sua vida no cotidiano. Sobre isso Rafael tem algo muito triste a dizer, pois perdeu um amigo, um acontecimento dramático, que o fez pensar e falar sobre a violência que tanto assola esses trabalhadores. Segundo o depoimento dele e a reportagem do Jornal “Correio”⁶³, Gilmar Luciano, 27 anos, catador de papel (filho de Seu Adejanir Luciano) foi assassinado em uma boate na madrugada do dia 13 de Abril de 1997 em Uberlândia-MG, pelo segurança desta, porque brincou que não pagaria a entrada. Embora estivessem com os bilhetes de consumação nas mãos, Gilmar e o colega foram baleados, sendo que este conseguiu sobreviver. A família de Gilmar, obviamente ficou indignada, sentem-se revoltados com um crime tão estúpido e a morte injusta do ente querido. A partir deste violento fato e de algumas questões sempre presente nas “falas” das pessoas entrevistadas, acerca da violência na cidade,

nos bairros onde moram, não pude deixar de pensar sobre isso enquanto um grave problema, na vida desses trabalhadores.

Assim como outros catadores de papel entrevistados, Rafael vive um dilema, a ausência de segurança e a violência como presença constante no dia-a-dia, seja no bairro, no trabalho e até mesmo em seu lazer como atesta o fato ocorrido com seu amigo. Para pensar um pouco acerca dessa questão da violência na experiência desses trabalhadores, seria interessante trazer à tona um outro aspecto muito peculiar desses indivíduos. Trata-se dos locais onde residem e a maneira como suas casas acabam por se constituírem em depósitos de papel. É muito fácil percebermos se num determinado local reside um catador de papel, é só observar se há algum cavalo, carroça e mesmo outros animais. Como já foi dito, a maioria desses trabalhadores criam galinha, pato e até porco nos quintais de suas casas, há ainda os animais domésticos de estimação, como gato e cachorro, sempre em grande quantidade. E evidentemente uma enorme pilha de papel, grande quantidade de papelão e outros materiais, plástico, ferro e o que mais eles julgarem ser útil e passível de venda. É muito interessante observar todas essas características, tão comuns a esses trabalhadores e ao mesmo tempo tão reveladoras de todo um modo de vida, de todo um jeito de ser e de ver o mundo.

Mas, como nem tudo ou quase nada é poesia na experiência dos catadores de papel em Uberlândia, então é preciso falar do que havia me proposto no início do parágrafo anterior. De que outra forma ainda é possível perceber a violência que sofrem quotidianamente. Isso acontece quando a vizinhança reclama dos animais, do papel acumulado e o que é pior, quando as pessoas confundem o depósito de papel com depósito de lixo (o que é absurdo, uma vez que depósitos de lixo, propriamente ditos, não existem!)⁶⁴ e jogam lixo por perto do local onde moram os catadores de papel. Seu Wilson⁶⁵ é um desses trabalhadores, morador do bairro Lagoinha, ele sofre esse problema e chega a dizer indignado que, ele contribui para a limpeza da cidade, mas os vizinhos, moradores do bairro sujam a sua porta!

A colocação de Seu Wilson me faz lembrar ainda de uma outra importante questão. Alguns trabalhadores entrevistados revelam-se conscientes de que contribuem para a limpeza da cidade e que o material recolhido por eles, será reaproveitado de alguma forma. A contribuição deles é mais significativa ainda, uma vez que a efetuação de uma política concreta de reciclagem do lixo ainda não se tornou preocupação ou prioridade para a administração

⁶³ Jornal Correio. Edição de 15 de abril de 1997, p.12.

⁶⁴ Essa observação foi feita devido ao fato de que teoricamente, o lixo deve ser coletado pela limpeza pública e levado para um local onde não vá causar danos à saúde da população. Os depósitos existentes, em áreas reservadas pela administração pública são para o alojamento de entulhos.

municipal.

Durante o processo de investigação pude tomar contato com alguns aspectos da realidade da cidade que não são possíveis de serem vistos com clareza. Refiro-me à experiência de ter conhecido o bairro Lagoinha em Uberlândia, onde existe uma quantidade significativa de trabalhadores que se utilizam de carroças no exercício de seu trabalho, alguns catadores de papel e outros não. O que explica essa incidência de carroceiros no bairro Lagoinha? Segundo Seu Wilson, catador de papel e morador do bairro é o fato de que o local fica próximo à Av. João Naves, onde existem muitas casas de materiais de construção e isso significou, durante algum tempo, uma possibilidade de emprego para esses trabalhadores. Atualmente as casas de materiais de construção não se utilizam mais com tanta frequência da mão de obra desses trabalhadores, o que os motivou, a alguns pelo menos, a recorrerem à atividade de coletar papel.

Nesse sentido, o bairro Lagoinha é um local interessante para percebermos todas as características peculiares ao modo de vida desses trabalhadores. Como se apresentam suas casas, quintais e tudo que já foi descrito anteriormente. Mais ainda assim, penso que esse é um aspecto da investigação que necessita ser explorado de forma mais ampla.

Por outro lado, vejo que outras questões também carecem de uma maior atenção, por exemplo; a relação que estabelece entre os catadores de papel e os compradores, donos de empresas. Primeiramente é importante colocar que a atividade de coleta do papel não é uma atividade rentável e tem sido cada vez menos. Segundo os trabalhadores entrevistados, o preço do papel tem sido reduzido constantemente, chegando a 5 ou 3 centavos o quilo de papel. Os catadores de papéis contam ainda que se sentem explorados pela única grande empresa que compra o papel na cidade, eles afirmam que se sentem lesados na hora da venda e também devido a algumas estratégicas determinações do (s) empresário (s). No momento de selecionar e pesar o papel, o dono da empresa (Butelão) estipula que se o papel estiver molhado, desconta-se 20 ou 30% no valor total. Uma outra determinação considerada injusta pelos coletores de papel é que, até 1000 quilos de papel, o dono da empresa paga 5 centavos o quilo de papel, mas qualquer peso inferior a 1000kg, o valor é então 3 centavos o kg. Ao abordar essas questões, os trabalhadores revelam-se indignados e afirmam se sentirem lesados com isso.

Sendo assim não há muito o que se possa fazer, por parte dos trabalhadores individualmente. O fato de ser a única empresa que compra papel em grande quantidade, confere um certo poder ao Butelão e o torna quase insensível aos reclames dos coletores de

⁶⁵ Wilson Pereira de Jesus, 56 anos. Entrevista nº 17, realizada em 29 de junho de 1997.

papel. Mas de alguma forma, uma atitude do dono da empresa, demonstra que, os papaleiros sabem que são lubridiados e ele, tenta mascarar a exploração, “doando” uma cesta de alimentos aos trabalhadores. Esse trecho da entrevista de Seu José Moreira⁶⁶ explicita com clareza:

Agora eles inda inventaram de dá 1 saco de arroz, acho que 1 pacotim de feijão, 2 de macarrão, 2 de fubá e acho que 2 óleo, isso é uma cesta básica... O Hélio, o patrão lá que compra o papel, né? Pode falá patrão, né? Que já sai lá direto com ele... Essa cesta aí é um absurdo! Ele dá essa cesta é pra tê, englobá (enganar) os papaleiro, pra falá que ele tá dano cesta... Pode fazê a conta, que num dá 8 real!... Se ele aumentasse 2 centavo em kg ou 1 centavo em kg, ele fazia mió negócio que dá essa cesta. Eu já falei mesmo com eles lá. Isso aí pra mim num compensa. Vô trabaiá, tô na mesma situação, que só ele que vai pra cima, porque nois num tem condições.

O relato de Seu José Moreira transcrito acima, me fez refletir que, para alguns trabalhadores sua condição de explorado está posta e de forma nítida. Para Seu José M., a atitude do empresário, de “doar” a cesta é uma forma de lubridiar os coletores de papel, então ele a recusa, pois prefere que o preço do quilo de papel seja revisto, ou seja, quer seu trabalho valorizado e dispensa esmolas ou doações. Segundo os trabalhadores, o pequeno ou médio empresário que compra o papel coletado, tem obtido significativos resultados financeiros, como o mesmo não ocorre com os próprios coletores, eles são os primeiros a desconfiar que o material que tanto andam à procura, vale mais do que pesa e costuma pagar-se por ele:

“Só acho ruim esse negócio, dele num aumentá o preço do papel, a gente veve lutano, lutano, planeja fazê uma coisa, num tem jeito, deve, fica deveno e ...”

É interessante e de certa forma assustador que, uma atividade simples, humilde e desgastante como a de catar papel, possa dar margem para tal exploração. Um outra dificuldade encontrada pelos catadores de papel que utilizam a carroça no exercício da coleta é o fato de que, com a nova legislação⁶⁷ que os proíbe de circularem nas ruas mais movimentadas, durante o horário comercial, gerou-se alguns problemas. Alguns de acordo as possibilidades procuram não burlar as exigências legais. Esses são os trabalhadores mais velhos, como o próprio José Moreira, mas crianças ou adolescentes ainda permanecem, o que provoca por vezes alguns transtornos:

Essa criançada que em vez dos pais pô pá estudá, põe na carroça e manda í trabaiá e fica quieto dento de casa... Não, num ponto eu até que eles tão certo, a gente tema porque é o serviço da gente, né? Mas eu já falei e num canso da falá, a culpa mais é essa criançada tamém, né? Por causa dos carro, que

⁶⁶ José Moreira da Cunha, 49 anos. Entrevista nº 15, realizada em 29 de junho de 1997.

⁶⁷ Jornal Correio. Edição de 25 de março de 1997, p.9.

tá arriscado dá um atropelamento, mata um motorista, mata uma família, aquela criança memo e a culpa só cai nos carroceros. É carroceros! Num fala que é uma criança. Fala, é um carroceros! Igual aqui na esquina, aqui na São João aqui, o caminhão pegô esse Gerardinho aqui ó e nem deu satisfação, quebrô a carroça, rebentô o burrinho que ele tava com ele tudo, num deu num satisfação, foi imhora. Nem tai! Porque? Carroceros num tem valor!

As colocações de Seu José M.⁶⁸ possibilitam sérias reflexões. Por um lado ele tem razão, quando reclama da presença das crianças trabalhando com a carroça em ruas tumultuadas e da forma como isso é usado para descaracterizar seu trabalho enquanto adulto. Por outro lado, há outras questões graves na mesma proporção. Por exemplo, o fato de que as crianças e adolescentes que recorrem à atividade de coleta de papel, o fazem porque precisam, com isso ajudam no orçamento familiar. O que me faz pensar que ambos, catadores de papel, jovens ou velhos, lutam por um espaço nas ruas, pela coleta do papel e para todos a realidade é bastante árdua. Tanto para as crianças e adolescentes que, ao invés de estarem envolvidos tão precocemente na luta pela sobrevivência e ainda de forma tão insalubre, deveriam estar na escola, tendo a oportunidade de melhor se profissionalizarem. Como para alguns trabalhadores mais velhos que por falta de melhores alternativas, recorrem à cata de papel. O que entendo é que para todos a situação é difícil, são duas faces de uma realidade extremamente cruel.

Nesse sentido, meu trabalho também tem o caráter de possibilitar uma reflexão acerca das condições em que vivem e sobrevivem os catadores de papel em Uberlândia. De forma que isso possa se constituir em possibilidade de entendimento das relações sociais que se estabelecem no mercado informal e no espaço urbano, das condições de vida, sobrevivência e organização ou não dos trabalhadores, bem como suas aspirações, seus anseios e projetos de vida. Uma maior compreensão dessas questões pode, possivelmente nos auxiliar na busca de alternativas para a compreensão de melhores formas de “organização” dos movimentos sociais.

⁶⁸ José M. da Cunha. Entrevista n° 15...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acerca dos Catadores de Papel em Uberlândia, possibilitou a reflexão de questões que considero muito interessantes. A percepção da organização do mercado informal em Uberlândia, as contradições do espaço urbano, bem como as relações estabelecidas nesse meio, são questões possíveis de serem discutidas na investigação da experiência dos papeleiros.

Nesse sentido, a fonte oral teve uma grande contribuição, pois foi esta, enquanto fonte documental, que suscitou considerável parte das reflexões apresentadas. E um problema levantado ao longo desse período, consiste nos limites da fonte oral e mais ainda no preconceito e a ignorância existentes no meio acadêmico. Também limita o andamento do trabalho, as dificuldades existentes na transcrição das fitas, na digitação das entrevistas, pois isso delonga muito tempo. A ausência de um micro computador, onde fosse possível organizar a parte técnica do projeto, também foi um fator de entrave.

De qualquer forma, essa pesquisa consistiu e ainda consiste em uma experiência por demais gratificante. O contato com uma boa bibliografia, as discussões coletivas no grupo de pesquisa, assim como a orientação da Prof.^a Dr.^a Coraly Gará Caetano, são elementos que em muito tem contribuído para minha formação. A possibilidade de estabelecer, no exercício do trabalho, um diálogo entre a teoria e a fonte documental, também tem sido de importância significativa.

Ao longo da pesquisa, uma questão que muito me angustiou, foi o modo como *trabalho*, enquanto um aspecto a ser investigado, assumiu uma grande dimensão em todo processo. Evidentemente, que o trabalho é algo que *marca profundamente* a experiência dos indivíduos e estabelece uma enorme ligação com todos os outros aspectos investigados. Mas, o objetivo era que este, não se tornasse o enfoque principal da investigação. Este foi e ainda se constitui em um problema, entre vários, no exercício de lidar com a fonte oral. No entanto, acredito que a teoria, a sensibilidade, a prática e a experiência podem colaborar, no sentido de superá-lo.

Também se tornou motivo de frustração, o fato de não se ter sido possível entrevistar alguns empresários, compradores de papel. Pois estes negaram-se a concedê-las, alegando que já haviam sido entrevistados anteriormente e que fora muito desagradável. Diante da minha insistência, acabaram por ser indelicados, o que me levou a desistir de obter tais entrevistas.

A abordagem de determinados entrevistados consistiu numa difícil tarefa, devido à maneira agressiva com a qual fui recebida. Muitas vezes fui confundida com fiscais de empresas ou da prefeitura, que segundo os trabalhadores entrevistados, teriam a intenção de prejudicá-los. Até o momento, em que consegui convencê-los do contrário, de forma que souberam quem eu era e quais minhas intenções, passei por situações bastante constrangedoras. Para esclarecê-los e com isso, obter as entrevistas, pude contar com a colaboração da Profª Coraly, que se dispôs a acompanhar-me em uma visita a esses trabalhadores.

Nesse sentido, penso que o trabalho com a fonte oral seja de muita riqueza e ao mesmo tempo, exija muita habilidade. Pois estamos lidando com sujeitos reais, donos de sua vontade e que vão colocar como condição, a fim de conceder a entrevista, o entendimento de todo processo. E mais que entender, é preciso que tenha importância para estes. Ao menos foi assim, que interpretei os conflitos que tive, ao iniciar o trabalho.

Por tudo isso, acredito ser necessário, uma iniciativa no sentido, de que os resultados desse trabalho possa ser instrumento de reflexão e transformação da prática dos catadores de papel por eles mesmos.

FONTES CONSULTADAS

ENTREVISTAS

1. Adejanir Luciano, 51 anos, catador de papel, casado. Reside com a esposa, alguns filhos e netos em casa própria.
2. Alexandre de Oliveira Souza, 13 anos, estudante, catador de papel. Reside com os pais.
3. Antônio Pedro da Conceição, 58 anos, catador de papel, casado. Reside com a esposa em dois cômodos construídos nos fundos da casa da enteada.
4. Benedito Francisco Queiroz, 75 anos, aposentado por invalidez, casado, catador de papel. Reside com a esposa, filhos e netos em casa própria.
5. Éder Aparecido Teixeira, 13 anos, estudante, catador de papel. Reside com os pais.
6. João Batista do Nascimento, 58 anos, viúvo, catador de papel. Reside com o filho e o neto em casa própria.
7. José Moreira da Cunha, 49 anos, casado, catador de papel. Reside com a esposa e dois filhos em casa própria.
8. Maria das Dores Teixeira, 57 anos, dona de casa, casada. Coleta papel durante uma parte do dia, em outra cuida da neta. Reside com o marido em casa financiada pela Caixa Econômica Federal.
9. Maria da Guia Luciano, 51 anos, esposa do Seu Adejanir Luciano (catador de papel). Auxilia o marido no trabalho com o papel.
10. Marcelo Rezende, 26 anos, estudante do Curso de Geografia da UFU, membro da APR, casado. Reside com a esposa e filha em casa própria.
11. Orlando Luiz Caetano, 60 anos, catador de papel, casado. Reside com a mulher em casa própria.

12. Rafael Luís Camargo, 17 anos, solteiro, catador de papel. Trabalha com Seu Adejanir Luciano. Reside com mãe e três irmãos em casa alugada.
13. Raimundo Rodrigues dos Santos, 78 anos, aposentado por idade, catador de papel, casado. Reside com a esposa e filhos em casa própria.
14. Wilson Pereira de Jesus, 56 anos, casado, catador de papel. Reside com a esposa e quatro filhos em casa própria.
15. Wilton José Fernandes Soares, 14 anos, estudante, catador de papel. Reside com a mãe, os irmãos e o padrasto em casa alugada.

OUTRAS FONTES

1. Jornal Estado de Minas. Suplemento Triângulo Alto Paranaíba, Edição de março de 1994.
2. Jornal Correio. Edição de 12 de junho de 1994, p.7.
3. _____. Edição de 14 de abril de 1996.
4. Documentário sobre o Mercado Informal em São Paulo, apresentado no Programa SBT Repórter, desta emissora, em novembro de 1995.
5. Jornal Correio. Edição de 25 de março de 1997, p.9.
6. _____. Edição de 15 de abril de 1997, p.12.
7. Jornal Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, p.5. Edição de 14 de dezembro de 1997.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. História Oral. A experiência do CPDOC. R. J. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALÉM, J. M. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. In: HISTÓRIA e PERSPECTIVAS - Uberlândia, UFU, jan./jun., 1991, pp. 79-102.
- ALMEIDA, Maria de Fátima R. Uberlândia Operária - Uma Abordagem Sobre as Relações Sociais em Uberlândia - 1950 à 1964. Tese mimeo. - UNICAMP, 1992.
- ALEXANDER, Sally. Tornar-se mulher em Londres nas décadas de 20 e 30. Projeto História, nº 13, Jun.1996. PUC-S.P.
- ALVARENGA, N. M. As Associações de Moradores em Uberlândia: Um Estudo das Práticas Sociais e as Alterações nas Formas de Sociabilidade. dissertação de mestrado, PUC/S.P. 1988.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia. Ética e História Oral. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, 2ª ed., SP, Cortez, 1995, p.155.
- CAMARGO, Aspasia Alcântara de. História Oral: técnica e fonte histórica. in: PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL: catálogo de depoimentos. Rio de Janeiro, FGV/INDIPO/Princesa CPDOC, 1981.
- CASANOVA, Julian. La Historia Social y Los Historiadores: Cenicienta ou? Editorial Crítica. Barcelona, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Paz e Terra. RJ, 1975.

- FENELON, Déa Ribeiro. O Papel da História Oral na Historiografia Moderna, (Re) Introduzindo História Oral no Brasil, (Org.) José Carlos Sebe Bom Mehy, História Hist. USP-1996, S.P.
- FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular. História de Classe ou História do Povo?. In: HISTÓRIA e PERSPECTIVA, nº 6. jan./jun. - 1992 - UFU, Uberlândia.
- FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de Investigação. Projeto História nº 4, PUC - S.P.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) Entre-Vistas: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro. FGV. 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (Org.). Usos e Abusos da História Oral. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FONTANA, Josep. História: Análise Del Passado y Projecto Social. Editorial Crítica Grijalbo, 1982.
- GINSBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais, Morfologia e História. Cia das Letras. SP, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice/ Revista Editora dos Tribunais, 1990.
- HOBBSAWM, Eric J. Mundos do Trabalho, 2ª ed., SP, Paz e Terra, 1988, 447p.
- KRANTZ, Frederick. A Outra História. Zahar, SP, 1979, pág. 19 a 33.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. José Carlos Sebe Bom Mehy (org.). São Paulo: Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. Ed. Contexto, S.P. 1991.

- MOREIRA, Helvécio D. Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia, 1991.
- MORELLI, Freud, Sherlock Holmes: Pistas para o método científico - texto esparsos xerox.
- PAOLI, Maria C. Trabalhadores Urbanos na Fala de Outros. Tempo, Espaço e Classe Operária Brasileira. in: CULTURA & IDENTIDADE OPERÁRIA. Marco Zero, 1987.
- PEREIRA, Maria Isaura de Queiroz. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, nº 05. 1989, p.3-15.
- SAMUEL, Raphael. Documentação, História local e História Oral. In: Revista Brasileira de História, v.09, nº 19, set/89, fev/90.
- SILVA, Eduardo. As Queixas do Povo. RJ, Paz e Terra, 1988.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.), Condições de vida das classes populares. Debates Urbanos, nº 06, RJ, IUPERJ, 1982.
- SILVA, Luzia Márcia Rezende. Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996. Tese de Mestrado, PUC/SP, 1996.
- SOUZA, João Carlos de. Na luta por habitação: a construção de valores. S.P. Educ. 1995.
- THOMSON, Alistair. Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações da História Oral e Recordação. In: Trabalho para a Conferência Brasileira de História Oral, "História Oral e Ética", Outubro de 1995.
- THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Paz e Terra, RJ.
- THOMPSON, E. P. Tradição, Revuelta y Consciencia de Clase: Estudios das Crises del Sociedade Pré-industrial. Editorial Crítico. Barcelona, 1989.

- THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Zahar Editores. RJ, 1981.
- THOMPSON, PAUL. A Voz do Passado: História Oral. Trad. Lálío Lourenço de Oliveira, RJ, Paz e Terra, 1992.
- VIDAL, Diana Gonçalves e Del Vecchio, J. De Campos. O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações. Rev. Bras. de Hist. Vol.7 nº13. p.125-136, set/86fev.87. SP.
- VILANOVA, Mercedes. Pensar a Subjetividade: Estatísticas e Fontes Orais. In: História Oral, Marieta de Moraes (Org.), Ed. Diadorim, RJ 1994.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Zahar Editores. RJ, 1987
- WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura. São Paulo, Companhia de Letras, 1988.